

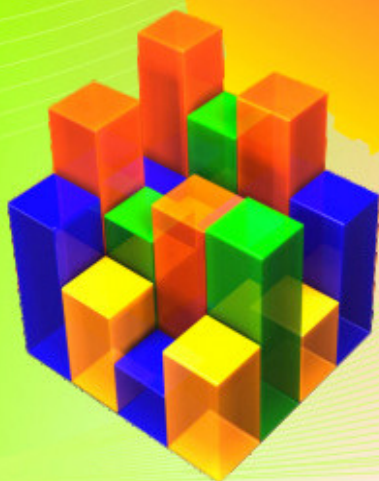


GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

3º Trimestre de 2018



Fortaleza – Ceará
Dezembro de 2018

IPECE INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Sobreira de Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Francisco de Queiroz Maia Júnior – Secretário

Antônio Sérgio Montenegro Cavalcante – Secretário adjunto

Júlio Cavalcante Neto – Secretário executivo

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ

Diretor Geral

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretor de Estudos Sociais – DISOC

João Mário de França

Diretor de Estudos Gestão Pública – DIGEP

Cláudio André Gondim Nogueira

Gerência de Estatística, Geografia e Informação – GEGIN

Marília Rodrigues Firmiano

IPECE Conjuntura – 3º Trimestre de 2018

Volume 7 – Nº 3 – Dezembro/2018

DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Elaboração:

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Rogério Barbosa Soares

Witalo de Lima Paiva

Colaboração:

Heitor Gabriel Silva Monteiro (Estagiário)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geossocioeconômicas e dá assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Valores: Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão: Ser uma Instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) –
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo -

Cambeba | Cep: 60.822-325 |

Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521

<http://www.ipece.ce.gov.br/>

Sobre o IPECE Conjuntura

O IPECE CONJUNTURA é uma publicação trimestral da Conjuntura Econômica Cearense em que são apresentadas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais servem para fundamentar a reflexão sobre o desempenho da atividade econômica do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir das três grandes atividades: agropecuária, indústria e serviços.

O Mercado de Trabalho tem como base a PNAD contínua do IBGE e a evolução do emprego formal a partir dos dados do Ministério do Trabalho (MTb). Comércio Exterior e Finanças Públicas são outros dois temas também contemplados no documento.

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA, 4

1.1. Estimativas de Crescimento Econômico Mundial, 4

1.2. Economia Brasileira e Produto Interno Bruto, 6

1.3. Inflação, 8

2. ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE, 10

2.1. Produto Interno Bruto, 10

2.2. Agropecuária, 11

2.3. Indústria, 17

2.4. Serviços, 22

2.4.1 Pesquisa Mensal dos Serviços, 22

2.4.2 Comércio Varejista, 26

3. MERCADO DE TRABALHO, 33

3.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 323

3.2. Emprego Formal, 35

4. COMÉRCIO EXTERIOR, 42

5. FINANÇAS PÚBLICAS, 48

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 52

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia
Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.

ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.

Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O crescimento da economia mundial para o ano de 2018 apresenta uma estimativa de 3,7%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2018. Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China;
- No terceiro trimestre de 2018, o PIB do Brasil registrou um crescimento de 1,3% em relação ao terceiro trimestre de 2017;
- No terceiro trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017, a economia cearense apresentou um crescimento de 1,48%. No resultado do acumulado no ano, observa-se um crescimento de 1,07%, enquanto que no acumulado de últimos quatro trimestres verifica-se um aumento de 1,97%;
- No setor agropecuário, o quadro de escassez hídrica, com chuvas abaixo da média histórica em quase todos os meses de janeiro a setembro de 2018, impactou diretamente a safra de grãos irrigados no estado do Ceará;
 - Após a retração do segundo trimestre, em um movimento fortemente influenciado pela greve dos caminhoneiros, a indústria de transformação cearense voltou a crescer no terceiro trimestre do ano. Entre os meses de julho a setembro, a produção da atividade aumentou 0,9% na comparação com igual período do ano anterior;
 - Na atividade de serviços, dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros segue no terreno negativo ao registrar queda de 6,6% neste terceiro trimestre de 2018 comparado ao mesmo trimestre do ano anterior;
 - Em relação as vendas do varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção, as vendas do país apresentaram um ritmo de crescimento mais satisfatório no terceiro trimestre de 2018 de 4,0%, bem acima do registrado no varejo comum. Por outro lado, o ritmo de crescimento nas vendas do varejo ampliado cearense não seguiu o mesmo patamar observado para o país, tendo registrado alta de apenas 1,3% no terceiro trimestre de 2018;
 - No primeiro trimestre de 2018, o desemprego voltou a crescer em razão de fatores sazonais, mas desde o pico no primeiro trimestre de 2017 a Taxa de Desocupação vem caindo tendo atingindo 10,6% neste terceiro trimestre de 2018;
 - O mercado de trabalho cearense registrou um bom desempenho na geração de novas vagas de trabalho celetista para o terceiro trimestre de 2018 (12.109 vagas), sendo a maior geração de postos de trabalho com carteira assinada por trimestre no ano, superando também a criação de vagas em igual período de 2017 (10.677 vagas);
 - No comércio exterior, no terceiro trimestre de 2018, os *Produtos Metalúrgicos* permaneceram como líder na pauta exportadora do Ceará. No período analisado foram exportados US\$ 318,9 milhões desse setor, valor que corresponde a 60,73% do total exportado pelo estado;
 - No aspecto das finanças públicas estaduais, é interessante observar que o principal componente das despesas correntes, as despesas com pessoal, aumentaram em 7,5%, no comparativo trimestral, sendo um crescimento superior ao verificado para as receitas correntes.

1 PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA

1.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial

O crescimento da economia mundial para o ano de 2018 apresenta uma estimativa de 3,7%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2018. Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

De acordo com os dados da OCDE, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) americano no terceiro trimestre de 2018, com relação ao mesmo período de 2017, foi de 3,0% (Tabela 1.1), resultado maior do que o registrado no terceiro trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, quando registrou-se um crescimento de 2,3%. Esse bom desempenho é explicado pelos aumentos do investimento privado e do consumo das famílias, que somado aos baixos níveis de desemprego, ainda que com um aumento recente da taxa de juros (1,8%) e uma inflação esperada, para 2018, de 2,4%, leva a uma projeção de crescimento real do PIB americano, em 2018, de 2,5%.

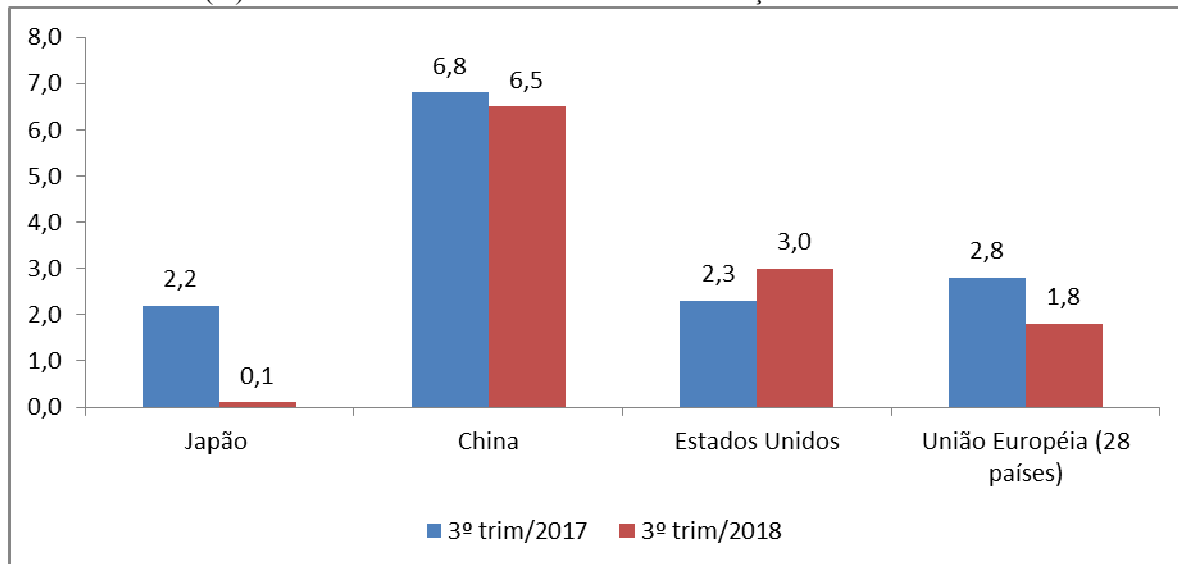
O crescimento de 1,8% do PIB da União Européia no terceiro trimestre de 2018, com relação ao mesmo período de 2017, mostra-se ainda num ritmo de recuperação da recessão européia iniciada em 2011, e que está sendo explicado pelos aumentos do investimento privado, consumo das famílias e exportações. França, Espanha e Alemanha estão sendo os destaques de crescimento em 2018. Espera-se para a economia da União Européia no ano de 2018, uma baixa inflação de 1,5% e uma taxa de juros nula. Esses fatores contribuirão para um crescimento do PIB na região, em 2018, de 2,3%.

A economia da China, conforme dados da OCDE, apresentou estimativa de crescimento de 6,5% no terceiro trimestre de 2018, com relação ao mesmo período de 2017, resultado um pouco menor ao resultado registrado no terceiro trimestre de 2017, que foi de 6,8%. Esse crescimento é explicado pelo investimento das empresas estatais e pelo consumo das famílias. A projeção para o PIB da China em 2018 é um crescimento de 6,5%.

A economia japonesa apresentou no terceiro trimestre de 2018, em relação ao mesmo trimestre de 2017, um crescimento de 0,1%, resultado este bem inferior para o mesmo período de 2017, onde verificou-se um valor de 2,2%. Esse fraco desempenho é explicado pelos seguintes desastres naturais ocorridos no país: inundações na região oeste após as fortes chuvas, um tufão que inundou um grande aeroporto internacional e um terremoto na região

norte que perturbou as linhas de distribuição. Tais eventos causaram uma forte queda dos investimentos privados.

Gráfico1.1: Taxa (%) de Crescimento do PIB – 2º trim. 2018 em relação ao 2º trim. de 2017



Fonte: OECD. Elaboração: IPECE.

1.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto

No terceiro trimestre de 2018, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou um crescimento de 1,3% em relação ao terceiro trimestre de 2017 (Tabela 1.1). No resultado do acumulado do ano, do primeiro ao terceiro trimestre de 2018, em comparação com o mesmo período do ano anterior, a economia brasileira registrou um crescimento de 1,1%. Em relação ao acumulado nos últimos quatro trimestres, registra-se um aumento de 1,4%.

Tabela 1.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Brasil – 3º trim. 2017 a 3º trim. 2018 (*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	2º Trim. 2018 (**)	3º Trim. 2018 (**)	Acumulado no ano (**)	Acumulado
						nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	8,8	-3,0	0,3	2,5	-0,3	0,4
Indústria	-0,3	1,2	0,8	0,8	0,9	1,3
Extrativa Mineral	2,1	-1,3	0,5	0,7	0,0	0,0
Transformação	2,1	3,8	1,7	1,6	2,3	3,1
Construção Civil	-7,6	-4,2	-2,7	-1,0	-2,6	-2,5
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,0	0,7	3,1	0,5	1,5	1,1
Serviços	1,2	1,8	1,1	1,2	1,4	1,5
Comércio	4,2	4,8	2,0	1,6	2,8	3,3
Transportes	2,3	2,9	1,1	2,9	2,3	2,7
Intermediação						
Financeira	-1,1	0,2	0,7	1,0	0,7	0,7
Administração Pública (APU)	-0,3	0,7	0,1	0,1	0,3	0,4
Outros Serviços	1,4	1,3	0,7	0,6	0,9	1,0
VA a preços básicos	1,2	1,0	0,9	1,3	1,0	1,3
PIB pm	1,4	1,2	0,9	1,3	1,1	1,4

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Dentre as atividades que contribuem para a geração do Valor Adicionado, a Agropecuária cresceu 2,5% em relação a igual período do ano anterior. Este resultado pode ser explicado, principalmente, pelo crescimento e ganho de produtividade do café (26,6%) e algodão herbáceo (28,4%).

A indústria teve variação positiva de 0,8%. As indústria de transformação cresceu 1,6%. O resultado foi influenciado, principalmente, pelo aumento da fabricação de veículos;

de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis; de celulose e papel; máquinas e equipamentos; indústria farmacêutica e produtos de metal.

A indústria extrativa expandiu em 0,7% em relação ao terceiro trimestre de 2017, puxada pela alta na extração de minérios ferrosos. A atividade de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos, por sua vez, teve variação positiva de 0,5%. Já a construção teve queda (-1,0%), sendo a 18ª redução consecutiva nessa comparação.

O valor adicionado de serviços teve expansão de 1,2% em relação ao mesmo período de 2017, com destaque para o crescimento de atividades imobiliárias (3,2%), seguido por transporte, armazenagem e correio (2,9%). Comércio (1,6%), informação e comunicação (1,1%), atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (1,0%), outras atividades de serviços (0,6%) e administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (0,1%) também apresentaram crescimento.

Tabela 1.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior – Brasil – 3º Trim. 2017 a 3º Trim. 2018 (*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	2º Trim. 2018 (**)	3º Trim. 2018 (**)
Agropecuária	-1,9	1,8	0,5	0,7
Indústria	0,3	-0,3	-0,3	0,4
Extrativa Mineral	-0,4	0,2	0,5	0,7
Transformação	0,8	-0,3	-0,7	0,8
Construção Civil	-0,8	-2,9	-0,4	0,7
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-0,3	2,3	-0,6	-1,1
Serviços	0,4	0,2	0,3	0,5
Comércio	1,6	0,6	-0,5	1,1
Transportes	0,1	1,3	-1,6	2,6
Intermediação Financeira	-0,1	-0,1	0,4	0,4
Administração Pública (APU)	0,2	-0,1	-0,1	0,1
Outros Serviços	0,3	0,7	0,2	0,2
VA a preços básicos	0,0	0,4	0,1	0,5
PIB pm	0,4	0,2	0,2	0,8

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior;

Na comparação do terceiro trimestre de 2018 em relação ao segundo trimestre de 2018, trabalhando-se com as séries dessazonalizadas, o PIB do Brasil apresentou crescimento de 0,8% (Tabela 1.2). Em relação aos setores da economia brasileira, para a mesma base de comparação, a agropecuária apresentou crescimento de 0,7%, a indústria cresceu 0,4% e o setor de serviços cresceu 0,5%. Na indústria, houve expansões em todas as atividades, com

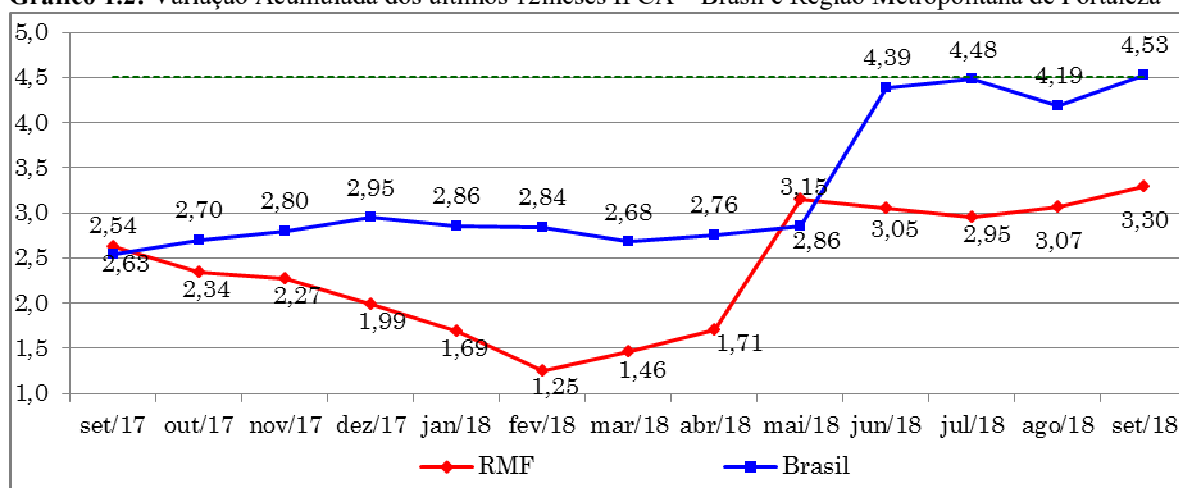
exceção do SIUP (-0,6%) e destaque para o crescimento da indústria de transformação (0,8%). Já no setor de serviços, todas as atividades apresentaram resultados positivos, com destaque para o crescimento dos transportes (2,6%).

1.3 Inflação

O Gráfico 1.2 apresenta a inflação acumulada dos últimos doze meses para o Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) de setembro de 2017 a setembro de 2018. De acordo com o observado, a forte alta da inflação de setembro fez o acumulado dos últimos 12 meses no IPCA nacional atingir 4,53%, levemente acima da meta de 4,5%; na RMF, o acumulado dos últimos meses encontra-se apenas em 3,07% até setembro de 2018.

O comunicado de setembro de 2018 do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) ressaltou que a continuidade do processo de reformas e ajustes necessários na economia brasileira é essencial para a manutenção da inflação baixa no médio e longo prazo, para a queda da taxa de juros estrutural e para a recuperação sustentável da economia. O Comitê ressalta ainda que a percepção de continuidade da agenda de reformas afeta as expectativas e projeções macroeconômicas correntes.

Gráfico 1.2: Variação Acumulada dos últimos 12 meses IPCA – Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza



Fonte: IBGE; Elaboração: IPECE.

Foi também destacado no comunicado que o Copom deve pautar sua atuação com foco na evolução das projeções e expectativas de inflação, do seu balanço de riscos e da atividade econômica. Choques que produzam ajustes de preços relativos devem ser combatidos apenas no impacto secundário que poderão ter na inflação prospectiva (i.e., na propagação a preços da economia não diretamente afetados pelo choque). É por meio desses efeitos secundários que esses choques podem afetar as projeções e expectativas de inflação e

alterar o balanço de riscos. Esses efeitos podem ser mitigados pelo grau de ociosidade na economia e pelas expectativas de inflação ancoradas nas metas. Portanto, não há relação mecânica entre choques recentes e a política monetária.

Finalmente, foi reiterado que a conjuntura econômica ainda prescreve política monetária estimulativa, ou seja, com taxas de juros abaixo da taxa estrutural. Esse estímulo começará a ser removido gradualmente caso o cenário prospectivo para a inflação no horizonte relevante para a política monetária e/ou seu balanço de riscos apresentem piora.

2 ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE

2.1 Produto Interno Bruto

No terceiro trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017, a economia cearense apresentou um crescimento de 1,48% (Tabela 1.3). No resultado do acumulado no ano, observa-se um crescimento de 1,07%, enquanto que no acumulado de últimos quatro trimestres verifica-se um aumento de 1,97%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Ceará – 3º trim. 2017 a 3º trim. 2018 (*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	2º Trim. 2018 (**)	3º Trim. 2018 (**)	Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	27,20	28,57	-10,07	12,48	6,57	14,55
Indústria	2,38	0,82	-3,46	-0,05	-0,87	0,41
Extrativa Mineral	-20,89	-11,45	-0,88	8,14	-1,55	-5,46
Transformação	2,45	3,29	-3,55	0,76	0,15	1,14
Construção Civil	-1,03	-4,85	-0,58	0,42	-1,66	-0,38
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	9,84	6,65	-8,72	-2,66	-1,69	-0,12
Serviços	2,48	0,75	1,27	1,48	1,17	1,53
Comércio	6,69	3,25	7,20	4,79	5,08	5,26
Alojamento e Alimentação	-0,15	0,74	1,20	1,08	1,01	0,95
Transportes	0,33	-3,05	-1,16	-2,27	-2,17	-0,74
Intermediação						
Financeira	3,31	1,38	0,96	1,57	1,31	2,05
Administração Pública	0,44	-0,61	-1,23	0,05	-0,60	-0,56
Outros Serviços	-1,52	0,37	0,08	0,53	0,33	0,15
VA a preços básicos	4,03	2,17	-0,45	1,52	1,07	2,03
PIB pm	3,86	2,02	-0,25	1,48	1,07	1,97

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do terceiro trimestre de 2018 com o mesmo período de 2017, a agropecuária apresentou um forte crescimento de 12,48%. Para o mesmo período de análise, a indústria apresentou uma queda de 0,05%, enquanto que o setor de serviços apresentou um crescimento de 1,48%.

Tabela 2.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior – Ceará – 3º trim. 2017 a 3º trim. 2018 (*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	2º Trim. 2018 (**)	3º Trim. 2018 (**)
Agropecuária	-18,21	-4,27	-7,22	1,94
Indústria	0,95	-1,32	-3,38	4,30
Extrativa Mineral	-3,12	-3,89	6,02	5,21
Transformação	-0,95	0,58	-3,64	3,64
Construção Civil	2,45	-2,00	-0,98	2,64
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	3,49	-0,67	-8,19	8,87
Serviços	0,86	-0,32	0,65	0,80
Comércio	3,37	0,60	2,59	0,84
Alojamento e Alimentação	0,13	0,92	0,06	0,02
Transportes	0,26	-2,22	0,86	-1,00
Intermediação Financeira	1,43	-0,83	0,01	1,70
Administração Pública	-1,05	0,63	-0,08	0,29
Outros Serviços	-0,48	0,58	-0,18	-0,01
VA a preços básicos	0,25	-0,79	-0,88	2,21
PIB pm	0,42	-0,77	-0,80	2,17

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior;

A Tabela 2.4 apresenta a análise das séries dessazonalizadas para a economia do Ceará. Na comparação do terceiro trimestre de 2018, em relação ao segundo trimestre de 2018, o PIB do Ceará apresentou crescimento de 2,17%, sendo explicada pelos resultados positivos da indústria (4,30%), agropecuária (1,94%) e serviços (0,80%). Os resultados positivos fortalecem a indicação de uma tendência de retomada do crescimento da economia cearense, após o resultado negativo do segundo trimestre de 2018 decorrente da greve dos caminhoneiros. Na indústria, os destaques positivos foram SIUP (8,87%) e extrativa mineral (5,21%). Já para o setor de Serviços, os destaques foram a atividade de Intermediação Financeira (1,70%) e o Comércio (0,84%).

2.2 Agropecuária

A precipitação pluviométrico no estado do Ceará ocorrida entre os meses de julho a setembro de 2018 indicam o início do período seco do ano, onde a recarga dos açudes é baixa e a evapotranspiração é maior, fazendo com que a água armazenada nos açudes diminua cada vez mais até o próximo período chuvoso, conforme mostra os dados de precipitação levantados pela Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME).

Tabela 2.3: Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas – Mensal de 2017-2018

Mês	Normal (mm)	Observada em 2017 (mm)	Observada em 2018 (mm)	Desvio das chuvas observadas 2018 com relação a normal (%)
Janeiro	98,7	68,3	68,1	-31,0%
Fevereiro	118,6	159,9	197,0	66,1%
Março	203,4	206,2	127,8	-37,2%
Abril	188	116,1	216,5	15,2%
Maió	90,6	69,4	59,2	-34,7%
Junho	37,5	26,8	10,6	-71,7%
Julho	15,4	30,8	13,8	-10,4%
Agosto	4,9	1,7	1,2	-75,5%
Setembro	2,2	0,6	0,1	-95,5%
Ceará (Jul. – Set.)	22,4	33,1	14,7	-34,5%

Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Segundo a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (Cogerh), no final de setembro de 2018, o volume de água armazenada nos 155 açudes monitorados era de 2,515 bilhões m³, com dois açudes com volume armazenado acima de 90%, e 91 açudes com volume abaixo de 30%. Ressalta-se que embora tenha ocorrido uma quadra chuvosa em torno da média no ano de 2018, o nível dos principais açudes do estado ainda estão abaixo de 10%, são eles: Castanhão (409,9 hm³ - 6,11%), Orós (145,91 hm³ - 7,52%) e Banabuiú (99,18 hm³ - 6,19%).

Com uma disponibilidade hídrica de apenas 13,5% da capacidade total armazenada no estado (18.617 hm³), resultado de um longo período com chuvas baixo da média, o Ceará continua mantendo uma política de conscientização para o uso racional da água tanto nas residências como para as finalidades produtivas, tendo em vista que as chuvas ocorridas no primeiro semestre de 2018 foram baixo da média, portanto, não proporcionando o aporte necessário aos açudes para garantir uma recarga suficiente para recuperar a perda causada pelo prolongado período de escassez hídrica ocorrida dos últimos anos.

Tabela 2.4: Capacidade e volume (%) de armazenamento das Bacias Hidrográficas do Ceará – Janeiro a Setembro de 2017-2018

Regiões	Capacidade (hm ³)	Volume Jan-Set 2017 (hm ³)	Volume Jan-Set 2018 (hm ³)	Volume Jan-Set 2018 (%)
Acaraú	1.718,27	369,94	551,98	32,1%
Alto Jaguaribe	2.778,52	231,58	220,61	7,9%
Baixo Jaguaribe	24	0,23	11,18	46,6%
Banabuiú	2.755,32	80,56	227,72	8,3%
Coreaú	303,74	202,32	228,58	75,3%
Curu	1.028,80	117,86	133,96	13,0%
Litoral	214,9	102,03	147,58	68,7%
Médio Jaguaribe	7.386,69	273,32	447,51	6,1%
Metropolitana	1.382,10	350,28	379,75	27,5%
Salgado	452,31	45,24	82,44	18,2%
Serra da Ibiapaba	141	34	49,99	35,5%
Sertões de Crateús	436,04	2,53	34,18	7,8%
Ceará	18.621,69	1.809,89	2.515,48	13,5%

Fonte: COGERH. Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Esse quadro de escassez hídrica, com chuvas abaixo da média histórica em quase todos os meses de janeiro a setembro de 2018, impactou diretamente a safra de grãos irrigados no estado do Ceará, que de acordo com a estimativa realizada pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE¹, indica uma queda de 12,88% na cultura do arroz irrigado e 51,08% na cultura do milho irrigado, comparando a safra de 2018 com a de 2017.

Ressalta-se que a safra de grãos é formada principalmente por culturas de sequeiro, sendo altamente dependente da ocorrência de chuvas no estado como principal fonte hídrica, a culturas que fazem parte deste grupo são o feijão, o milho e a mandioca.

Dentre as culturas que apresentaram crescimento em suas safras em 2018, comparado a 2017, destacam o arroz de sequeiro (14,83%), feijão 1ª safra (4,97%), feijão 2ª safra (8,91%), milho de sequeiro (29,63%), fava (6,45%) e algodão (152,62%). Dentre estas culturas, destaca-se o milho, sendo responsável por 74,57% da produção total de grãos no estado. Assim, estimou-se que a produção de milho no Ceará para 2018 é de 482.745 toneladas. (Tabela 2.5).

Quanto a produção de feijão, esta representa 21,63% da produção de grãos do estado, sendo que a produção de feijão de arranca 1ª safra aumentou em função da expansão de sua área plantada, já o o feijão-de-corda 1ª e 2ª safras, apresentaram redução de área plantada

¹ As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

devido a substituição pelo plantio da fava e também pela diminuição de áreas plantadas em varzantes pela dificuldade de água para irrigação.

No que se refere a cultura do arroz de sequeiro, esta apresentou crescimento de produção, pois os produtores obtiveram uma produtividade acima do esperado, e pela baixa incidência de pragas e doenças e pelas boas chuvas nas áreas de cultivo: Aracoiaba e Nova Olinda. Quanto ao arroz irrigado, este teve sua produção reduzida pela pouca disponibilidade hídrica nas regiões de plantio.

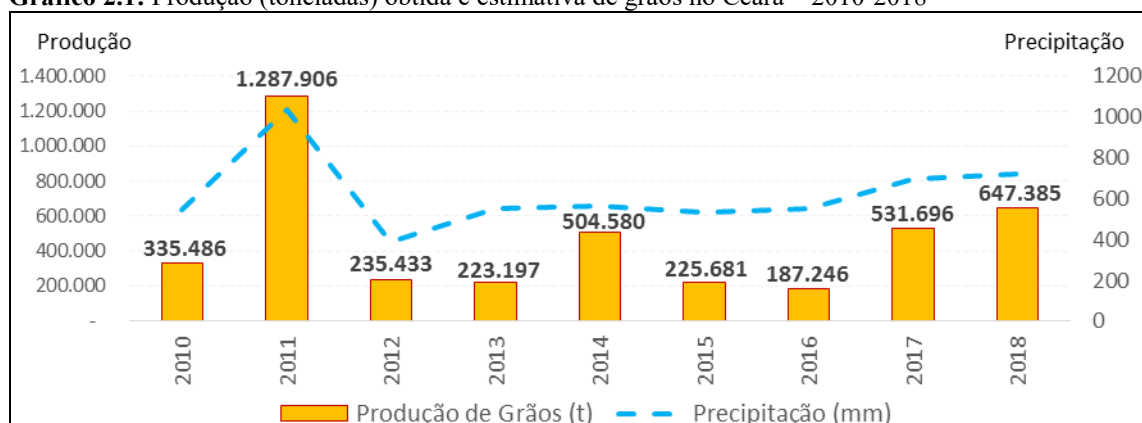
Tabela 2.5: Produção de grãos (t) estimada, 2017–2018, Ceará.

Produção de Grãos	Produção (t) 2017	Estimativa (t) 2018	Variação (%) 2018/2017	Participação na Prod. de Grãos (%)
Arroz irrigado	14.839	12.927	-12,88%	2,00%
Arroz Sequeiro	4.923	5.653	14,83%	0,87%
Feijão 1ª Safra	129.388	135.821	4,97%	20,98%
Feijão 2ª Safra	3.837	4.179	8,91%	0,65%
Milho Irrigado	836	409	-51,08%	0,06%
Milho Sequeiro	372.395	482.745	29,63%	74,57%
Milho Semente	93	99	6,45%	0,02%
Sorgo	0	10		0,00%
Fava	3.596	3.970	10,40%	0,61%
Algodão	325	821	152,62%	0,13%
Amendoim	1066	555	-47,94%	0,09%
Mamona	398	196	-50,75%	0,03%
Grãos Total	531.696	647.385	21,76%	100,00%

Fonte: IBGE. Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Nota: (*) Os valores de 2017 e 2018, referem-se aos valores da produção estimados pelo LSPA/IBGE.

Gráfico 2.1: Produção (toneladas) obtida e estimativa de grãos no Ceará – 2010-2018



Fonte: IBGE. Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Nota: (*) Os valores de 2017 e 2018, referem-se aos valores da produção estimados pelo LSPA/IBGE.

Ressalta-se que as estimativas estão baseadas principalmente na informação de áreas plantadas, produtividade prevista e colheita já realizada. Sendo assim, entende-se que esses

valores de produção estão sujeitos a revisão e podem sofrer alterações, conforme novas informações geradas pela LSPA.

Produção de Frutas

A produção de frutas do Ceará para o ano de 2018 apresenta uma estimativa abaixo do esperado no começo do ano. Observa-se que a produção de banana indica uma redução de 4,35%, em 2018, comparado a 2017, justificada pela redução da área cultivada tanto do plantio de sequeiro como de área irrigada. Castanha de caju também apresentou queda na produção em 2018 devido a redução de área colhida. Outras culturas que apresentaram queda na produção foram goiaba (-1,34%), laranja (-15,3%), mamão (-2,37%) e abacaxi (-65,34%).

Dentre as frutas que apresentam aumento na produção destaca-se o melão que depois de dois anos voltou a apresentar aumento na produção, embora a quantidade produzida de 2018 ainda fique bem abaixo da capacidade de produção que o Ceará possui. Esse crescimento da produção de melão é explicada, em parte, pelo incentivo gerado pelo mercado externo, dado a maior valorização do dólar frente a moeda nacional, mantendo a rentabilidade do produto em patamares mais elevados.

Outras lavouras que também apresentam estimativa de crescimento para o ano de 2018, conforme dados da LSPA, são: acerola (22,11%), manga (5,64%), maracujá (42,99%), melancia (42,08%) e coco-da-baía (32,71%).

Diante das condições hídricas do Ceará, onde as chuvas de 2018 ainda não foram suficientes para aumentar o aporte de água dos reservatórios do estado, a produção de frutas no estado ainda não apresentou bons resultados em muitas das culturas e crescimento tímida para algumas culturas.

Tabela 2.6: Produção obtida e estimativa de Frutas (em toneladas) no Ceará - 2017-2018

Produção de Frutas	Produção 2017	Estimativa 2018*	Variação (%) 18/17
Acerola	12.995	15.868	22,11
Banana	393.025	375.913	-4,35
Goiaba	17.696	17.458	-1,34
Laranja	9.480	8.030	-15,30
Mamão	109.893	107.290	-2,37
Manga	45.338	47.895	5,64
Maracujá	94.816	135.580	42,99
Melancia	28.936	41.113	42,08
Melão	70.593	85.228	20,73
Castanha de caju	83.996	70.907	-15,58
Abacaxi **	730	253	-65,34
Coco-da-baía **	186.733	247.805	32,71

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

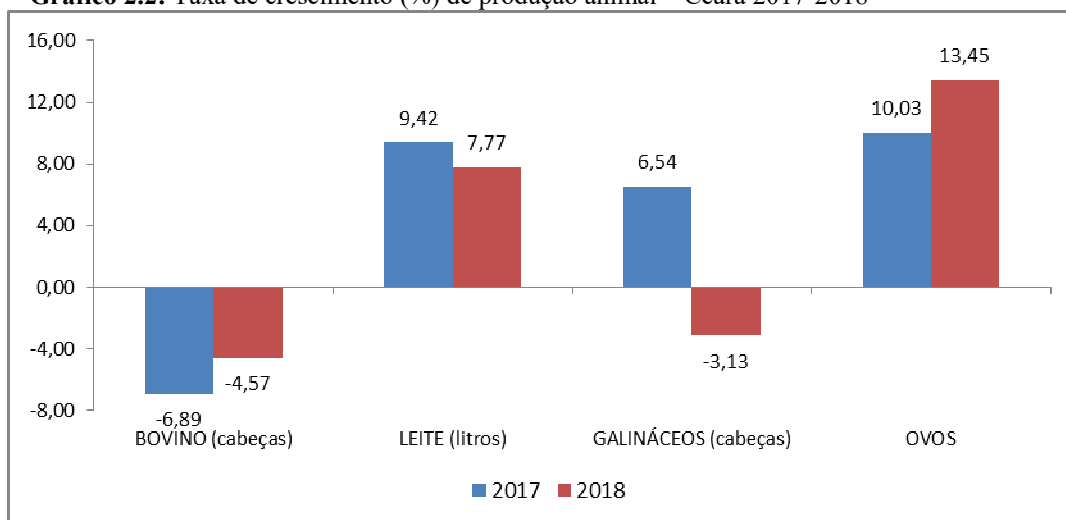
Notas: (*) As quantidades de 2018 referem-se as estimativas obtidas pela LSPA.

(**) Produção em mil frutos.

Pecuária

A estimativa da produção pecuária cearense continua indicando queda para a atividade bovino (-4,57%) no ano de 2018, influenciado pelo longo período de seca que afetou a criação do gado, em razão de muitos produtores terem diminuído o rebanho de bovino e passaram a criar animais de menor porte. A atividade de aves também indica queda (-3,13%) em 2018, porém a estimativa do terceiro trimestre aponta uma queda menor do que o previsto no segundo trimestre, sinalizando uma leve recuperação ao longo do ano.

Com relação a produção de produtos de origem animal destaca-se o leite, que vem apresentando ótimo desempenho, com perspectiva de crescimento de 7,77% em 2018, comparado ao ano de 2017, e a produção de ovos, com crescimento de 13,45%. (Gráfico 2.2).

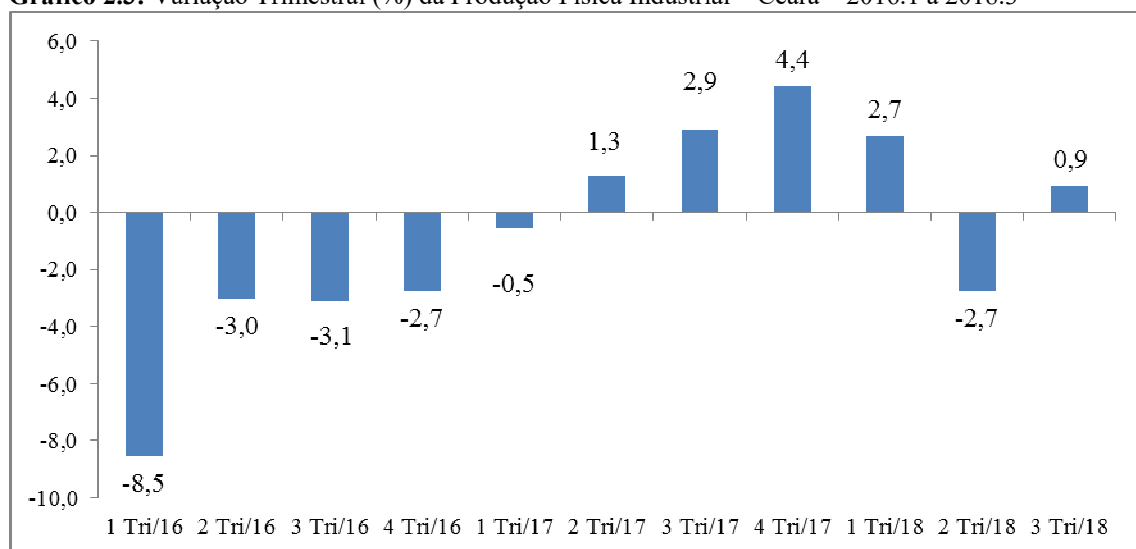
Gráfico 2.2: Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2017-2018

Fonte: IBGE/IPECE. Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

2.3 Indústria

Indústria de Transformação

Após a retração do segundo trimestre, em um movimento fortemente influenciado pela greve dos caminhoneiros, a indústria de transformação cearense voltou a crescer no terceiro trimestre do ano. Entre os meses de julho a setembro, a produção da atividade aumentou 0,9% na comparação com igual período do ano anterior. Os dados constam do indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE). O Gráfico 2.3, a seguir, destaca a trajetória da atividade nos últimos anos.

Gráfico 2.3: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2016.1 a 2018.3

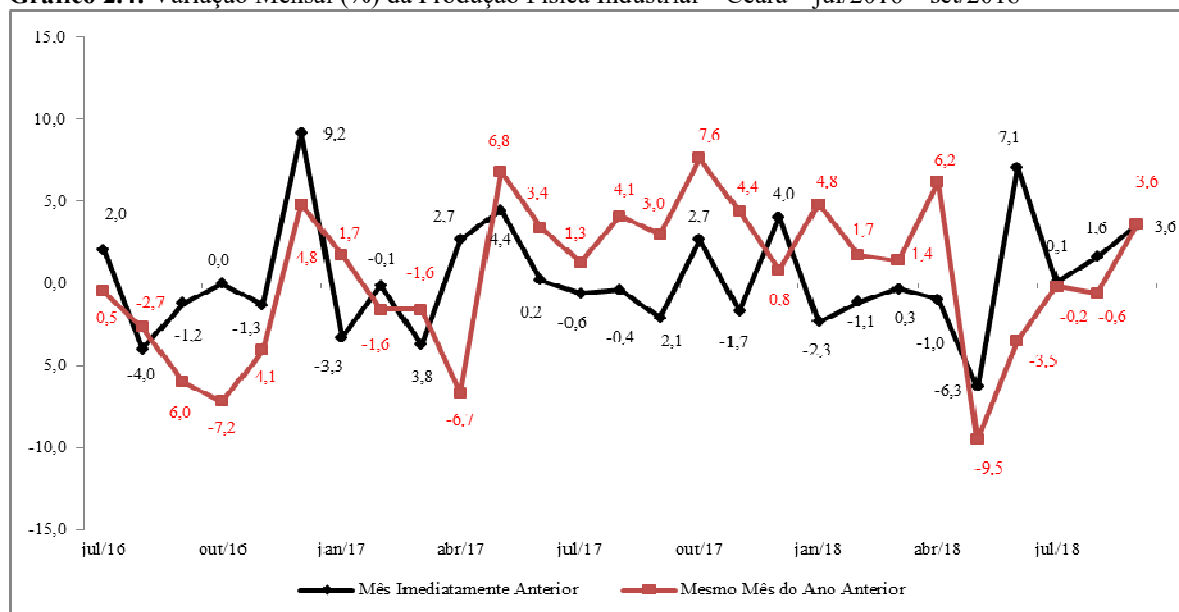
Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

O desempenho positivo para o trimestre retrata uma aceleração mensal da produção no período em análise. Na avaliação contra os meses imediatamente anteriores, a manufatura no estado registrou seguidas expansões, sendo, 0,1%, 1,6%, 3,6% em julho, agosto e setembro, respectivamente. Na comparação contra iguais meses do ano anterior, o resultado positivo do trimestre se deve ao crescimento de 3,6% em setembro. Nos outros meses, a indústria registrou retração em julho (-0,2%) e em agosto (-0,6%). As análises mensais sugerem uma recuperação gradual diante dos efeitos negativos da paralisação dos caminhoneiros, que como indicado no último relatório, afetou de modo intenso a indústria cearense. O movimento no atual trimestre reforça o argumento do longo tempo necessário para o pleno reestabelecimento das condições de produção após a greve. O Gráfico 2.4 apresenta as comparações mensais.

Além das repercussões da paralisação, o desempenho da indústria cearense foi também afetado pela elevação da base de comparação. De fato, no terceiro trimestre de 2017, a manufatura registrou uma expansão de 2,9%, intensificando o processo de recuperação que caracterizou o ano passado.

Gráfico 2.4: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará – jul/2016 – set/2018

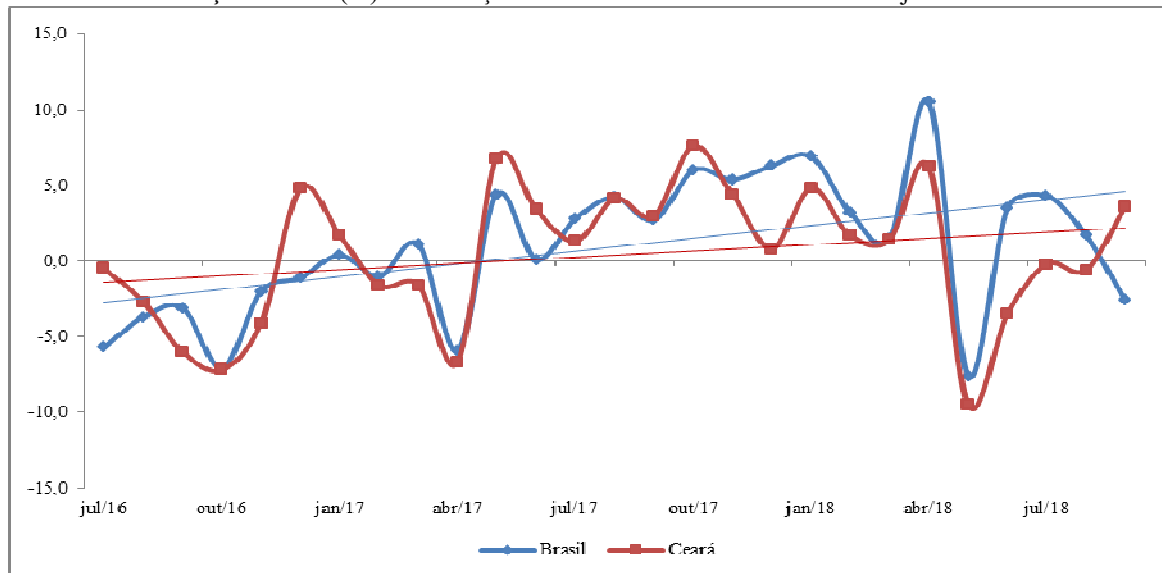


Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

O Gráfico 2.5, a seguir, compara a trajetória mensal da atividade industrial no Ceará e no Brasil. Na comparação com os anos de 2016 e 2017, com o auxílio das linhas de tendência, é possível perceber a trajetória de melhora do ritmo da produção em ambos os

parques. Com os últimos resultados, a indústria brasileira mostra uma expansão nitidamente superior àquela registrada pelo Ceará.

Gráfico 2.5: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil – jul./2016– set.2018



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. As linhas retas indicam tendência de comportamento dos dados no período considerado.

Na comparação com os demais estados brasileiros e considerando o resultado acumulado do ano, a indústria cearense se posiciona na metade inferior da distribuição, mas, ainda assim, com uma leve expansão. Ao lado da Bahia, o estado apresentou o menor crescimento acumulado em 2018, com apenas 0,3% de alta na comparação com o mesmo período de 2017. O Ceará superou apenas Minas Gerais (-0,7%), Goiás (-3,1%), Espírito Santo (-4,2%) e Pará (-8,3%), que acumularam retrações no período. Com fortes expansões no ano, se destacaram no cenário nacional os estados de Amazonas (8,1%), Pernambuco (7,1%) e Rio de Janeiro (6,0%). Com os números do último trimestre, o resultado estadual se posicionou abaixo do alcançado pela região Nordeste (1,6%) e foi também inferior ao nacional (2,1%). A Tabela 2.7 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e para a região.

Tabela 2.7: Variação (%) da Produção Física Industrial – Brasil e Estados – jul-set/2017 e 2018 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2017)			Acumulado Ano (2017)	Variação Mensal (2018)			Acumulado Ano (2018)
	Julho	Agosto	Setembro		Julho	Agosto	Setembro	
Brasil	2,8	4,2	2,7	1,1	4,3	1,7	-2,6	2,1
Nordeste	4,0	2,5	-0,2	-0,3	4,3	4,7	2,3	1,6
Amazonas	-1,0	5,7	7,2	3,2	7,1	-7,3	-15,7	8,1
Pernambuco	-4,4	0,7	-2,8	0,0	12,3	12,8	16,0	7,1
Rio de Janeiro	-9,0	2,3	19,9	2,3	19,6	6,9	-2,1	6,0
Rio Grande do Sul	2,0	-1,3	-4,4	0,8	12,0	12,4	12,5	4,6
Santa Catarina	4,9	5,1	2,3	3,5	8,4	4,9	-0,7	4,0
São Paulo	4,3	6,6	5,2	2,1	3,0	0,7	-6,8	2,4
Paraná	3,3	8,7	9,0	5,1	6,2	6,4	0,0	2,1
Mato Grosso	2,1	14,6	4,6	1,6	4,1	1,0	3,7	0,7
Bahia	9,2	5,7	5,6	-1,9	1,0	1,3	-2,8	0,3
Ceará	1,3	4,1	3,0	1,3	-0,2	-0,6	3,6	0,3
Minas Gerais	1,8	2,3	-2,0	-0,1	-3,0	-1,5	-3,2	-0,7
Goiás	0,0	2,2	6,5	2,1	-3,6	-2,1	-4,2	-3,1
Espírito Santo	1,2	8,6	-3,1	2,3	-1,9	-5,4	10,4	-4,2
Pará	-5,6	-5,6	-1,0	-4,7	-13,0	-15,4	-9,7	-8,3

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2018.

Resultados Setoriais

Considerando as atividades industriais que compõem o segmento da transformação, no terceiro trimestre do ano, seis das onze atividades pesquisadas apresentaram resultados positivos para a produção na comparação com igual período do ano anterior. Esse quadro se mostra superior ao trimestre anterior, quando sete atividades diminuíram a produção, e reforça o movimento de recuperação percebido para o conjunto da indústria.

Dentre as que apresentaram expansão na produção, destaque para o forte ritmo da Metalurgia (14,2%) e para as atividades tradicionais como Têxteis (6,5%), Bebidas (5,9%) e Couros e calçados (2,5%). Vale ressaltar que as atividades de fabricação de têxteis, couros e calçados voltaram a registrar crescimento após dois trimestres seguidos de queda na produção física.

Diferente da maioria das atividades pesquisadas, algumas registram reduções na produção no trimestre em análise. Neste grupo, destaque para atividades importantes para manufatura local, como Vestuário e Alimentos que apresentaram, respectivamente, quedas de 1,5% e 2,6% no volume de produção na comparação com o terceiro trimestre de 2017. A Tabela 2.8, a seguir, apresenta os números para atividades industriais nos últimos trimestres.

Tabela 2.8: Variação Trimestral (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2017 e 2018

Atividades Industriais	Variação Trimestral						
	2017				2018		
	I	II	III	IV	I	II	III
Indústrias de transformação	-0,5	1,3	2,9	4,4	2,7	-2,7	0,9
Metalurgia	47,3	79,6	43,5	9,6	1,2	-1,2	14,2
Fabricação de produtos têxteis	16,2	14,5	6,3	2,7	-0,2	-2,0	6,5
Fabricação de bebidas	-16,0	3,3	-0,7	13,2	18,9	-3,6	5,9
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-44,0	-33,3	-12,9	27,7	101,8	17,0	3,2
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-12,2	0,9	-3,3	23,9	9,6	-1,5	2,5
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	10,5	4,1	1,8	-0,6	-4,6	-5,6	2,5
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,7	14,6	8,4	11,9	-0,1	-12,7	-1,5
Fabricação de produtos alimentícios	4,5	1,9	6,6	-2,0	-3,6	1,3	-2,6
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,2	-18,7	-9,5	-8,1	-1,1	-6,3	-3,5
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-32,0	-39,3	-18,4	0,7	15,0	16,5	-4,9
Fabricação de outros produtos químicos	2,5	-8,6	29,3	26,5	14,5	0,0	-6,8

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo crescimento em 2018.3.

A Tabela 2.9, na sequência, compara para todos os setores a taxa de crescimento acumulada em 2017 e 2018. A tabela mostra também, em sua última coluna, a contribuição de cada atividade pesquisada para o crescimento total do segmento da transformação. Pelo indicador, é possível perceber que o resultado acumulado para o segmento é explicado, principalmente, por atividades de menor importância relativa na indústria local, como a fabricação de produtos de metal. Já os setores mais tradicionais e de maior relevância para a manufatura cearense acumularam redução na produção e contribuem negativamente para desempenho do ano até o terceiro trimestre. Neste grupo se destacam as fabricações de Vestuário e acessórios (-5,1%), Couro e calçados (-2,3%) e Alimentos (-1,6%).

Tabela 2.9: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Física em 2017 e 2018 e Contribuição (em p.p.) ao Acumulado do Ano de 2018 – Atividades Industriais – Ceará

Atividades Industriais	Acumulado Ano (2017) (%)	Acumulado Ano (2018) (%)	Contribuição ao Acumulado do Ano (2018) (em p.p.)
Indústrias de transformação	1,30	0,30	0,30
Fabricação de bebidas	-4,90	6,90	0,62
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-32,40	41,60	0,50
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-29,50	7,10	0,47
Metalurgia	55,50	4,80	0,26
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-5,20	3,50	0,14
Fabricação de produtos têxteis	12,10	1,50	0,08
Fabricação de outros produtos químicos	8,30	1,30	0,04
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,70	-3,60	-0,16
Fabricação de produtos alimentícios	4,40	-1,60	-0,32
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	5,20	-2,30	-0,64
Confeção de artigos do vestuário e acessórios	8,50	-5,10	-0,67

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pela contribuição ao acumulado do ano de 2018. (p.p.) pontos percentuais.

2.4 Serviços

2.4.1. Pesquisa Mensal de Serviços²

Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros segue no terreno negativo ao registrar queda de 6,6% neste terceiro trimestre de 2018 comparado ao mesmo trimestre do ano anterior.

O Gráfico 2.6 revela que o presente trimestre apresentou recuo menos intenso ao aos dois trimestres anteriores, tendo todos estes resultados comparados com relação ao mesmo trimestre do ano anterior. A terceira queda seguida no ano de 2018 revela que o setor ainda não retomou plenamente sua recuperação cíclica iniciada no início de 2017.

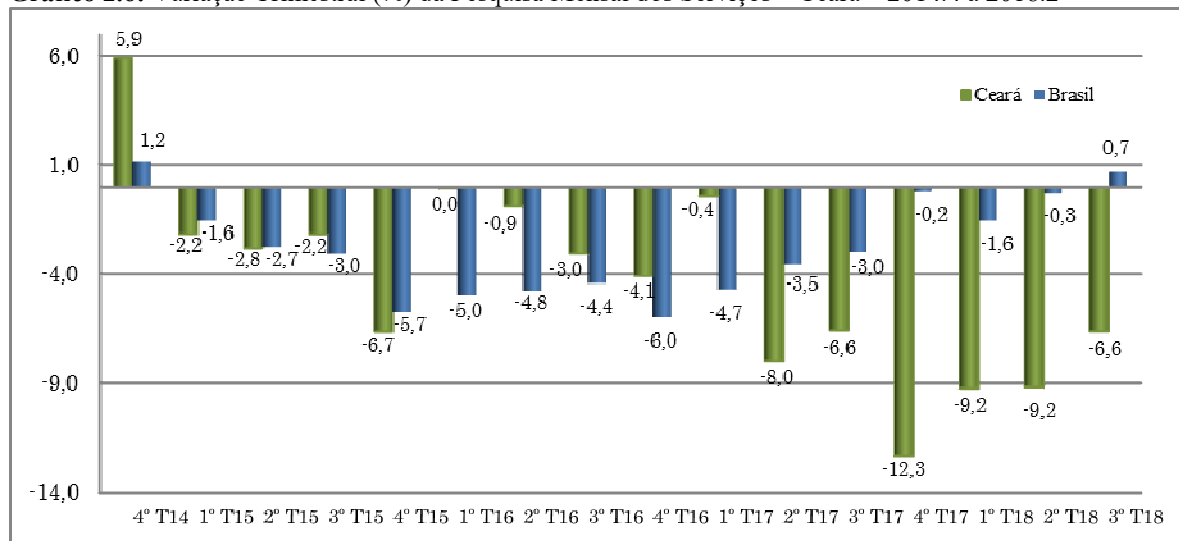
² A Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) apresenta cinco grandes grupos, a saber: 1) Serviços Prestados às Famílias; 2) Serviços de Informação e Comunicação; 3) Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares; 4) Transportes, Serviços Auxiliares dos Transportes e Correio; 5) Outros Serviços. O Grupo Outros Serviços são formados pelas atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais. Deve-se frisar que esses segmentos não são iguais aos subsetores daqueles que compõem as estimativas do PIB trimestral o que leva a resultados e interpretações distintas.

Adicionalmente, considerando a estagnação no primeiro trimestre de 2016, essa queda representa a décima quinta seguida a partir de uma comparação com relação ao mesmo trimestre do ano anterior. (ver Gráfico 2.6).

Desde o quarto trimestre de 2014, quando houve crescimento de 5,9%, que os serviços empresariais não-financeiros da PMS não apresenta desempenho positivo. Ademais, indicadores da conjuntura nacional já sinalizavam desaceleração no segundo trimestre de 2014, o que revela que a retração do setor de serviços cearense apresenta maior defasagem com relação às contrações e expansões dos ciclos econômicos à medida que registrou queda apenas a partir do primeiro trimestre de 2015.

Assim, não obstante dados do Produto Interno Bruto tanto nacionalmente como localmente revelassem a retomada da economia no primeiro trimestre de 2017, dados dos serviços empresariais não-financeiros da PMS do Ceará não indicam aceleração do setor cearense.

Gráfico 2.6: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Ceará – 2014.4 a 2018.2



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

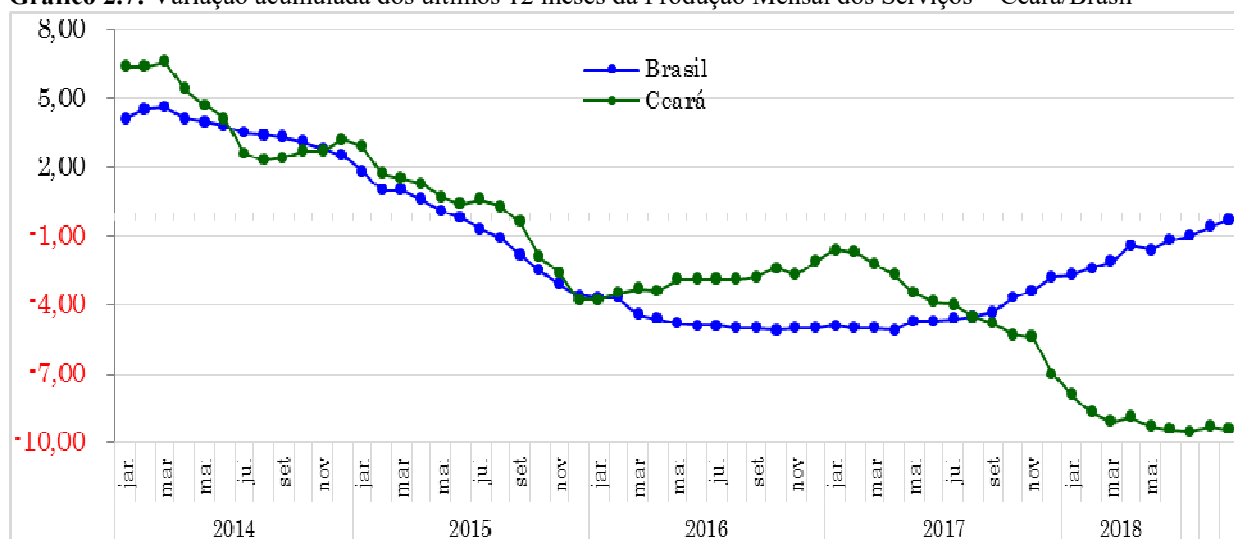
Por sua vez, quando se observa os dados nacionais o quarto trimestre de 2014 revela um crescimento menos expressivo que a taxa local (1,2% contra 5,9%). Por outro lado, as taxas observadas ao longo de 2017 e de 2018 revelam que a queda dos serviços do Ceará ocorreu de forma mais intensiva que o nacional. A partir do segundo trimestre de 2017 deve-se observar que as quedas no Estado do Ceará foram ainda mais intensas.

Neste mesmo contexto, o Gráfico 2.8 apresenta os resultados para o acumulado dos últimos 12 meses tanto para o Brasil como para o Ceará a partir de janeiro de 2014 até setembro de 2018.

Os resultados a seguir estão em linha com os números apresentados no gráfico anterior à medida que revela que o setor de serviços apresenta uma defasagem de resposta com relação à recuperação cíclica da economia.

De fato, para o Brasil, o acumulado dos últimos 12 meses encontra-se em terreno negativo em parte de 2015 e ao longo dos anos subsequentes, embora as taxas negativas sejam cada vez menores. No Ceará, a partir de meados de 2017 o acumulado dos últimos 12 meses apresenta taxas ainda mais negativas acumulando quedas acima de 7% de novembro em diante.

Gráfico 2.7: Variação acumulada dos últimos 12 meses da Produção Mensal dos Serviços – Ceará/Brasil



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em termos de segmento, são apresentados nos dados do Gráfico 2.8 as taxas de variação trimestral para os quatro principais segmentos do setor de serviços empresariais não-financeiros da Pesquisa Mensal dos Serviços do Brasil e do Ceará.

Para o Ceará, os Serviços Prestados às Famílias é único segmento que apresentou desempenho positivo no Estado Ceará com crescimento expressivo de 23,5% no terceiro trimestre de 2018. No Brasil, o crescimento do segmento foi mais modesto de 1,7%. Entre os principais fatores a elencar este crescimento, destaca-se a conjuntura macroeconômica nacional que vem apresentando inflação próxima a meta além de taxa de juros historicamente baixas, o que contribui para a ampliação do crédito e elevação do consumo das famílias.

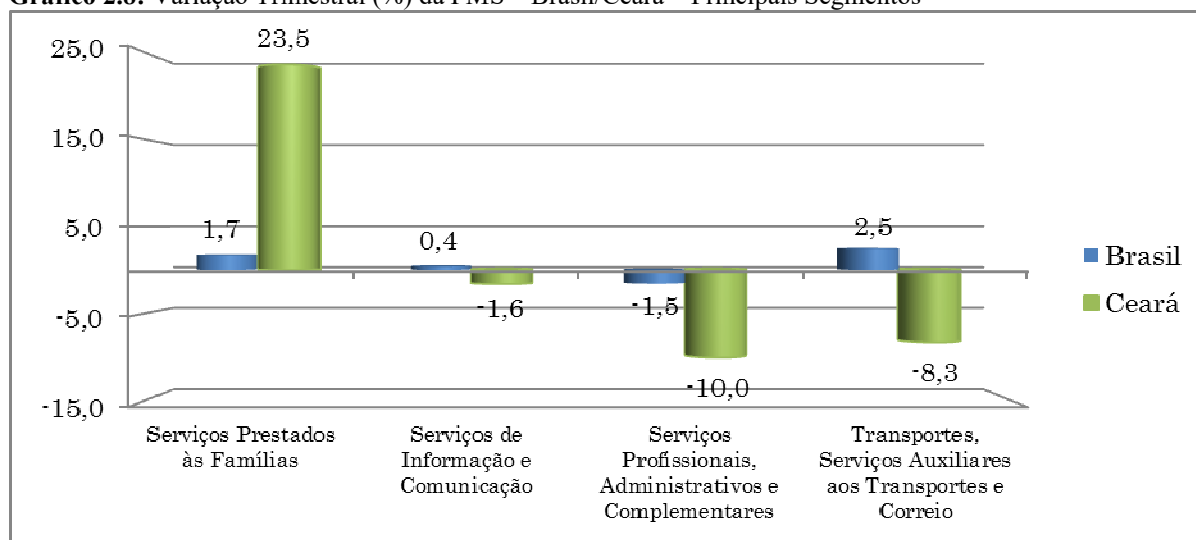
Serviços de Informação e Comunicação, setor mais intensivo em capital, ainda encontra-se em taxas negativas no Ceará e crescimento de apenas 0,4% no Brasil o que revela que os investimentos ainda não apresentaram resposta diante da recuperação cíclica,

provavelmente mediante a incerteza do cenário nacional, o que dificulta o horizonte de planejamento.

Por sua vez, Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares o tiveram retração de 1,5% e 10%, no Brasil e Ceará, respectivamente. Este é um setor que tem parte do segmento associado a setores compostos por empresas, sinalizando, também, cautela por parte dos investidores.

No caso dos Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, segmento presente em diversas cadeias produtivas industriais, a intensa queda de 8,3% no Estado do Ceará revela que o mesmo não tem acompanhado a recuperação de outras atividades, como a industrial. É possível também que a paralização dos caminhoneiros no final de maio e início de junho pode ainda estar contribuindo para o desempenho negativo do segmento. No Brasil, o crescimento de 2,5% indica recuperação da cadeia produtiva ligada ao setor.

Gráfico 2.8: Variação Trimestral (%) da PMS – Brasil/Ceará – Principais Segmentos

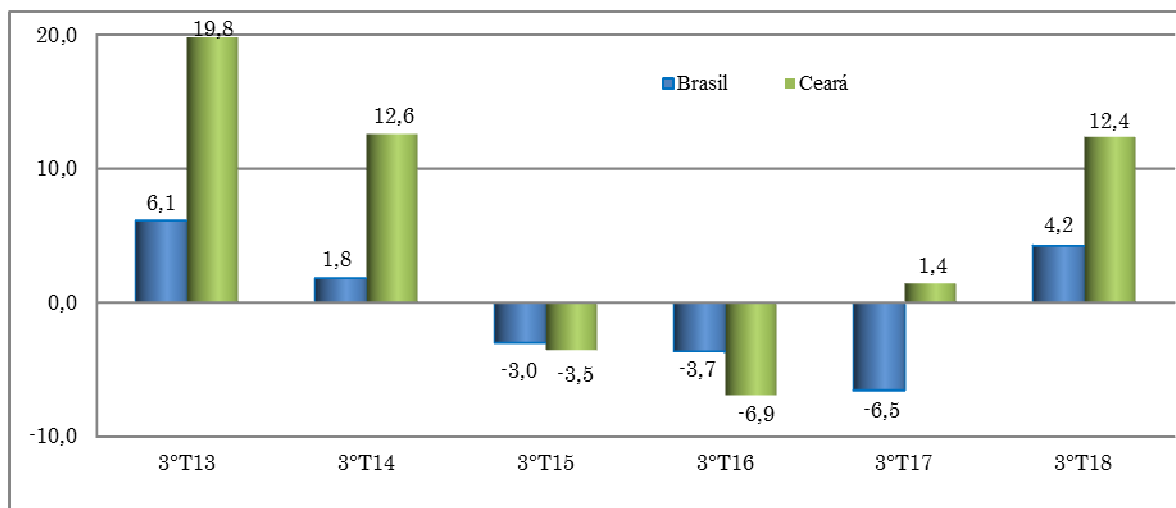


Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Finalmente, o Gráfico 2.9 apresenta a evolução do terceiro trimestre a partir de 2013 do Índice de Atividades Turísticas (IATUR), que é construído a partir de dez agrupamentos de atividades ligados ao setor.

É importante observar, inicialmente, que o setor no Estado do Ceará tende a apresentar tanto maior desempenho positivo como maior retração. De fato, nos anos de 2013 e 2014 o crescimento foi de 19,8% e 12,6%, respectivamente. Para o Brasil, o crescimento foi de 6,1% e 1,8%, respectivamente.

Gráfico 2.9: Variação Trimestral (%) da PMS – Brasil/Ceará – Atividades Turísticas



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

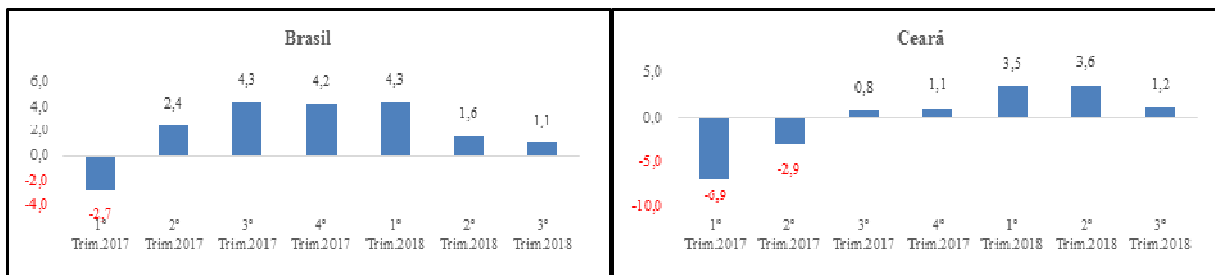
Quando a depressão econômica estava instalada nos anos de 2015 e 2016 o segmento cearense apresentou uma retração mais intensa de 3,5% e 6,9%, respectivamente. No nacional, o recuou foi menos intenso com retração de 3% e 3,7%, respectivamente. Os anos de 2017 e 2018 revelam também a rápida recuperação do setor com crescimento de 1,4% e 12,4%, respectivamente, para o Ceará. No Brasil, apenas neste último trimestre o setor voltou a crescer ao registrar desempenho de 4,2%.

2.4.2. Comércio Varejista

Dados da Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE revelam que o varejo comum brasileiro registrou alta de apenas 1,1% no terceiro trimestre de 2018 comparado a igual período do ano passado. Essa foi a sexta variação positiva consecutiva nas vendas do varejo nacional revelando uma trajetória consistente de crescimento. Vale destacar que em igual período de 2017, o varejo comum nacional havia registrado alta de 4,3% frente a uma base de comparação negativa. Na comparação com os demais trimestres de 2018, nota-se uma desaceleração do ritmo de crescimento das vendas do varejo comum nacional.

O varejo comum cearense também registrou alta de apenas 1,2% no terceiro trimestre de 2018, comparado a igual período de 2017 refletindo ainda alguns dos efeitos negativos da crise como o elevado quantitativo de pessoas desocupadas no mercado de trabalho local. Essa foi a quinta variação trimestral positiva e consecutiva, revelando uma dinâmica consistente de crescimento nas vendas do varejo cearense. O crescimento registrado no terceiro trimestre de 2017 tinha sido de 0,8%, frente também uma base de comparação negativa. Comparando com os demais trimestres de 2018, é possível afirmar que está havendo uma desaceleração do ritmo de crescimento das vendas no varejo local. (Gráfico 2.10).

Gráfico 2.10: Variação trimestral das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – 1º T./2017 a 3º T./2018 (%)

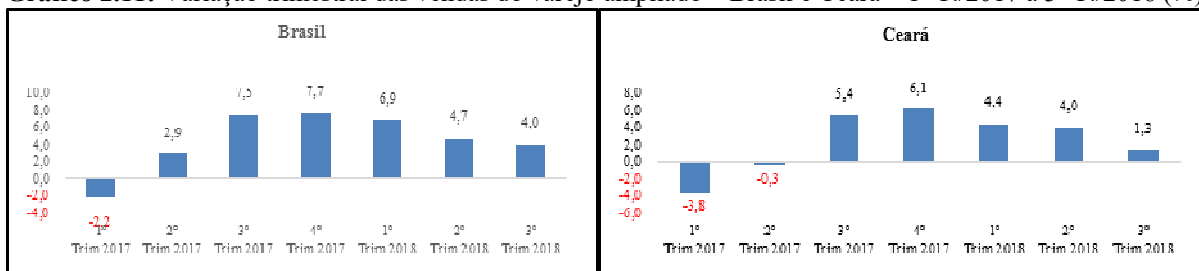


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em relação as vendas do varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção, as vendas do país apresentaram um ritmo de crescimento mais satisfatório no terceiro trimestre de 2018 de 4,0%, bem acima do registrado no varejo comum. Vale notar que o varejo ampliado nacional registrou crescimento pelo sexto trimestre consecutivo, mas com nítida desaceleração até o terceiro trimestre de 2018. (Gráfico 2.11).

Por outro lado, o ritmo de crescimento nas vendas do varejo ampliado cearense não seguiu o mesmo patamar observado para o país, tendo registrado alta de apenas 1,3% no terceiro trimestre de 2018, revelando um nível de desempenho muito aquém do nacional. Nota-se ainda que o varejo ampliado local também apresentou uma desaceleração no ritmo de crescimento nas vendas dentro do ano de 2018. (Gráfico 2.11).

Gráfico 2.11: Variação trimestral das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – 1º T./2017 a 3º T./2018 (%)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

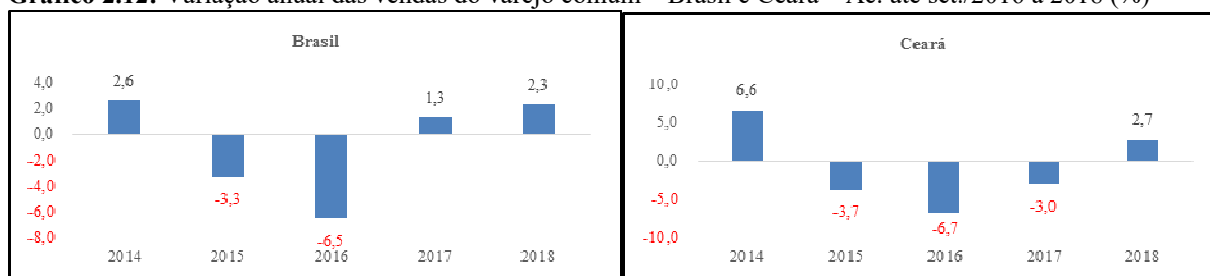
Através do Gráfico 2.12 a seguir é possível observar a dinâmica da variação anual das vendas do varejo comum no Brasil e no Ceará para o acumulado até setembro nos últimos cinco anos.

Nota-se que o varejo comum nacional registrou crescimento de 2,3% no acumulado até setembro de 2018 pela segunda vez consecutiva, quando em igual período de 2017 já havia registrado crescimento de 1,3%. Isso revelou uma trajetória ascendente de expansão explicada pela melhoria nos indicadores macroeconômicos, reflexo da melhoria no crédito

dado a manutenção da taxa de juros nos níveis mais baixos historicamente, além da melhoria nos indicadores de emprego e renda no mercado de trabalho.

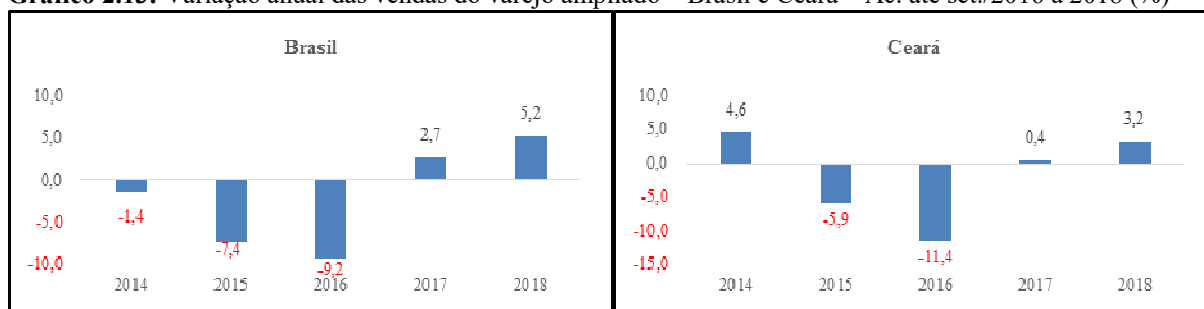
O varejo comum cearense registrou um crescimento ainda maior de 2,7%, dado uma base de comparação negativa. Foi a primeira vez, após três anos de queda, que o varejo comum cearense registrou variação positiva, revelando o início da recuperação das vendas pós período de crise econômica.

Gráfico 2.12: Variação anual das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – Ac. até set./2016 a 2018 (%)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

As vendas do varejo ampliado apresentaram um crescimento mais expressivo tanto no Brasil quanto no estado. O país registrou alta acumulada até setembro de 5,2%, ante alta de 2,7% em igual período de 2017 e queda de 9,2% no mesmo período em 2016. Já o Ceará registrou alta de 3,2%, ante alta de 0,4% em 2017 e queda de 11,4%, em 2016. Diante o exposto é possível notar que o varejo ampliado nacional e cearense tiveram momentos difíceis, registrando quedas expressivas nos anos de 2015 e 2016, mas que a partir de 2017 apresentaram os primeiros sinais de recuperação ao registrar taxas de crescimento. O ano de 2018 apresenta a manutenção de um ritmo de recuperação das vendas mais sustentável ao registrar um crescimento bem mais significativo. Todavia, vale dizer que as taxas positivas registradas nos últimos dois anos não foram ainda suficientes para recuperar as perdas observadas no período de crise. (Gráfico 2.13).

Gráfico 2.13: Variação anual das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – Ac. até set./2016 a 2018 (%)

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Vendas do Varejo no Contexto Nacional

A Tabela 2.11 abaixo apresenta a variação anual das vendas para o acumulado do ano até o mês de setembro dos últimos cinco anos no Brasil e estados para o varejo comum. No auge da crise do varejo nacional, foi possível notar que quase todos os estados registraram queda no volume de vendas do varejo comum. Em 2015, apenas três estados apresentaram crescimento e em 2016 apenas um. No ano de 2017, foi possível perceber os primeiros sinais de recuperação da crise quando quinze estados passaram a registrar alta nas vendas do varejo comum. Esse número cresceu para vinte e um estados em 2018.

Neste último ano, os maiores crescimentos nas vendas do varejo comum foram registrados nos estados do Rio Grande do Norte (+8,2%); Santa Catarina (+8,1%); Espírito Santo (+7,5%); Tocantins (+7,4%) e Acre (+7,2%). Por outro lado, as maiores quedas foram observadas nos estados do Distrito Federal (-3,1%); Amapá (-2,5%); Pernambuco (-1,4%); Goiás (-1,1%); e Bahia (-0,7%).

Tabela 2.11: Variação anual das vendas do varejo comum – Brasil e Estados – Acumulado até setembro/2014 a 2018 (%)

Estados	2014	2015	2016	2017	2018
Rio Grande do Norte	3,1	-2,4	-9,6	0,4	8,2
Santa Catarina	-0,3	-0,3	-6,9	13,7	8,1
Espírito Santo	0,5	-6,1	-11,4	-3,6	7,5
Tocantins	6,3	-1,4	-9,4	-0,2	7,4
Acre	13,7	1,2	-10,1	2,7	7,2
Pará	2,8	-2,8	-12,4	-0,9	6,5
Rio Grande do Sul	3,1	-5,3	-5,4	5,0	5,9
Rondônia	9,3	-3,3	-12,3	3,1	5,8
Maranhão	6,7	-5,4	-7,5	4,0	5,8
Roraima	5,4	9,6	0,7	-6,8	5,2
Amazonas	0,8	-6,3	-11,6	6,7	5,0
Paraíba	3,2	-8,6	-3,7	-1,4	2,8
Ceará	6,6	-3,7	-6,7	-3,0	2,7
São Paulo	1,8	-2,9	-4,8	0,7	2,2
Paraná	2,5	-1,2	-6,3	4,0	1,8
Mato Grosso	2,8	-7,4	-8,5	4,3	1,3
Piauí	2,3	-3,4	-8,4	-1,6	1,2
Minas Gerais	2,5	-2,0	-1,0	3,7	0,8

Rio de Janeiro	3,3	-2,2	-8,0	-2,1	0,4
Sergipe	1,6	1,6	-12,0	-5,7	0,3
Alagoas	5,8	-7,4	-7,0	8,2	0,2
Mato Grosso do Sul	4,4	-0,4	-6,8	0,8	-0,5
Bahia	5,6	-6,6	-12,9	-1,4	-0,7
Goiás	2,2	-9,5	-10,0	-8,9	-1,1
Pernambuco	3,4	-6,4	-10,7	4,8	-1,4
Amapá	8,0	-7,5	-20,0	3,0	-2,5
Distrito Federal	1,3	-5,5	-11,0	-6,7	-3,1
Brasil	2,6	-3,3	-6,5	1,3	2,3

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em 2014, o varejo comum cearense apresentou um bom desempenho nas vendas do varejo comum tendo registrado o quinto maior crescimento dentre todos os estados brasileiros. Um ano depois passou a registrar a décima segunda menor queda do varejo comum nacional. Em 2016, o varejo comum cearense voltou a registrar a queda mais acentuada, só que ficou com a sexta menor queda do país. Em 2017, um ano de recuperação nas vendas do varejo comum observado em grande parte dos estados do país, o Ceará registrou a terceira queda consecutiva, sendo sexta maior queda de um total de doze estados. Por fim, em 2018, o varejo comum cearense esboçou sua primeira recuperação, tendo registrado a décima terceira maior alta do país.

No tocante ao varejo ampliado, nenhum estado registrou crescimento no ano de 2016, em 2017, vinte estados passaram a registrar crescimento. Em 2018, esse número cresceu para vinte e seis estados. As maiores altas observadas no último ano foram observadas nos estados do Espírito Santo (+14,5%); Tocantins (+11,0%); Santa Catarina (+11,0%); Amazonas (+10,7%); e Rondônia (+10,4%). O único estado que apresentou queda nas vendas do varejo ampliado foi o Distrito Federal (-2,9%).

Em 2014, o varejo ampliado cearense havia registrado a terceira maior alta dentre os vinte e sete estados da federação. Em 2015, o varejo local registrou queda tendo sido a sexta menor do país. Um ano depois, quando todos os estados apresentaram queda nas vendas, o varejo ampliado cearense ocupou a décima quarta menor queda nacional. O varejo ampliado cearense esboçou uma tímida recuperação em 2017, mas registrou apenas a décima oitava maior posição do país. Por fim, em 2018, apesar de apresentar nova alta nas vendas do varejo ampliado, o varejo cearense ocupou a décima nona colocação no país.

Tabela 2.12: Variação anual das vendas do varejo ampliado – Brasil e Estados – Acumulado até setembro/2014 a 2018 (%)

Estados	2014	2015	2016	2017	2018
Espírito Santo	-4,5	-14,5	-16,4	4,5	14,5
Tocantins	3,3	-11,6	-14,6	6,2	11,0
Santa Catarina	1,4	-7,8	-9,5	13,9	11,0
Amazonas	2,6	-8,3	-13,2	10,1	10,7
Rondônia	5,2	-8,2	-5,4	-6,3	10,4
Acre	5,1	-8,0	-12,5	3,8	8,9
Roraima	4,0	2,5	-1,0	0,0	8,8
Mato Grosso	0,8	-9,9	-10,4	5,4	8,8
Pará	0,8	-3,7	-13,9	1,3	7,3
São Paulo	-5,6	-6,1	-6,5	1,1	6,8
Rio Grande do Sul	1,5	-11,3	-10,4	11,0	6,8
Rio Grande do Norte	1,8	-3,6	-10,5	-2,1	6,2
Maranhão	2,5	-7,9	-13,4	6,4	6,1
Paraíba	3,2	-12,9	-7,3	2,1	4,4
Piauí	1,0	-6,8	-9,3	-0,6	3,7
Minas Gerais	-0,4	-6,9	-5,0	0,4	3,7
Sergipe	2,6	-4,3	-15,0	-0,8	3,3
Mato Grosso do Sul	-0,7	-4,4	-7,4	-0,6	3,3
Ceará	4,6	-5,9	-11,4	0,4	3,2
Paraná	-3,2	-7,4	-7,4	3,6	3,0
Alagoas	3,6	-9,0	-9,1	7,7	1,8
Bahia	1,7	-7,7	-12,2	0,2	1,7
Goiás	-2,3	-13,0	-13,7	-9,4	1,5
Pernambuco	1,5	-8,4	-14,0	3,9	1,2
Rio de Janeiro	1,3	-5,5	-12,1	2,3	1,0
Amapá	-2,2	-8,5	-18,3	4,7	0,2
Distrito Federal	0,7	-10,8	-13,8	3,9	-2,9
Brasil	-1,4	-7,4	-9,2	2,7	5,2

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Variação Setorial das Vendas do Varejo

Por fim, a Tabela 2.13 apresenta a variação anual das vendas do varejo por setores para o acumulado do ano até setembro nos últimos cinco anos. Do total de treze atividades disponíveis na pesquisa sete registraram crescimento nas vendas do varejo nacional no acumulado do ano de 2018: Veículos, motocicletas, partes e peças (+15,7%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (7,3%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (5,4%); Hipermercados e supermercados (4,6%); e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (4,4%). As maiores quedas foram observadas nas vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria (-10,1%); Combustíveis e lubrificantes (-5,8%); Móveis (-3,5%); Tecidos, vestuário e calçados (-3,0%) e Móveis e eletrodomésticos (-1,0%).

O varejo cearense apresentou um número maior de atividades registrando crescimento nas vendas do varejo para o acumulado do ano até setembro de 2018 num total de nove. A atividade que registrou maior crescimento nas vendas em 2018 foram os Outros

artigos de uso pessoal e doméstico (+10,1%) que compreendem artigos de cutelaria; artigos para habitação de vidro, cristal, porcelana, borracha, plástico, metal, madeira, vime, bambu e outros similares; panelas, louças, garrafas térmicas, escadas domésticas, escovas, vassouras, cabides, etc; brinquedos de qualquer material, inclusive eletrônicos; instrumentos musicais; óculos para natação, pranchas, etc.; artigos para caça, pesca e camping; papel de parede e similares; artigos de óptica e por fim, artigos descartáveis em geral (copos, talheres, guardanapos, embalagens para alimentos preparados e outros similares).

Outras atividades que também registraram crescimento nas vendas do comércio cearense no acumulado do ano de 2018 foram: Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+7,5%); Veículos, motocicletas, partes e peças (+7,0%); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+3,4%); e Eletrodomésticos (+3,2%). Por outro lado, as maiores baixas foram observadas nas atividades de Livros, jornais, revistas e papelaria (-9,6%); Material de construção (-3,4%); Combustíveis e lubrificantes (-2,6%); e Tecidos, vestuário e calçados (-0,2%).

Tabela 3: Variação anual das vendas do varejo por atividades – Brasil e Ceará – Acumulado até setembro/2014 a 2018 (%)

Atividades	Brasil					Ceará				
	2014	2015	2016	2017	2018	2014	2015	2016	2017	2018
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,9	1,5	-11,7	1,7	7,3	17,3	1,3	-12,9	5,9	10,1
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-4,1	4,0	-14,8	-1,1	-0,2	8,7	-24,7	-12,6	15,2	7,5
Veículos, motocicletas, partes e peças	-9,2	-16,1	-14,6	0,4	15,7	-0,6	-12,7	-19,2	4,5	7,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,9	-2,3	-2,9	0,4	4,4	3,5	-5,6	-3,2	-0,6	3,4
Eletrodomésticos	1,2	-12,2	-14,0	11,5	0,9	6,8	-9,4	-27,0	-1,3	3,2
Hipermercados e supermercados	1,8	-2,2	-2,8	0,6	4,6	3,8	-5,3	-2,5	-7,5	2,9
Móveis e eletrodomésticos	1,4	-13,0	-13,6	8,8	-1,0	7,5	-7,8	-17,2	-13,1	1,6
Móveis	2,6	-14,8	-12,8	-1,0	-3,5	7,9	-5,2	-2,2	-28,2	1,5
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	9,4	3,6	-1,0	0,9	5,4	3,1	6,9	-4,2	12,0	0,7
Tecidos, vestuário e calçados	-1,1	-7,3	-11,3	7,9	-3,0	8,5	4,3	-2,5	-2,7	-0,2
Combustíveis e lubrificantes	3,0	-4,4	-9,7	-3,2	-5,8	10,7	-3,3	-4,4	-25,0	-2,6
Material de construção	0,2	-6,4	-12,0	7,5	3,9	9,4	-0,2	-25,4	16,5	-3,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	-7,1	-9,6	-16,9	-3,6	-10,1	-5,7	-13,7	-22,3	-16,8	-9,6

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

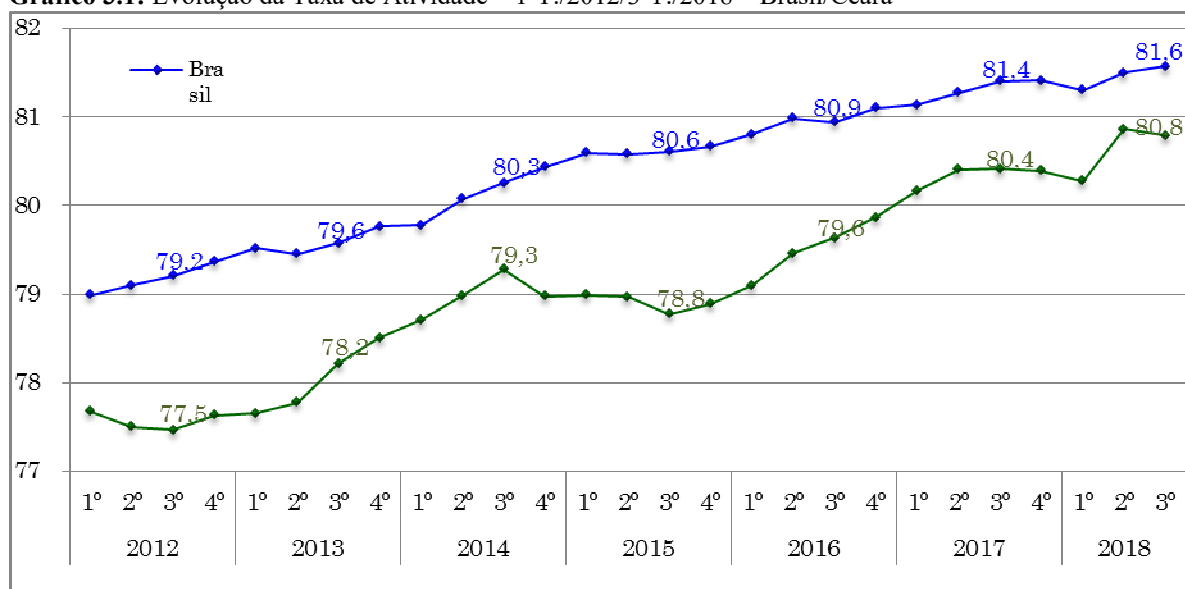
3 MERCADO DE TRABALHO

3.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

Esta seção descreve o Mercado de Trabalho do Ceará a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC).

O Gráfico 3.1 apresenta a Taxa de Atividade, que é dada pela razão entre a População em Idade de Trabalhar (PIT) e a População Total (POP). Ao longo da série histórica a Taxa de Atividade nacional tem sido maior que a do Estado do Ceará em razão da sua PIT crescer mais que a POP em termos proporcionais (mais adultos e menos crianças resulta em Oferta de Trabalho maior).

Gráfico 3.1: Evolução da Taxa de Atividade – 1ºT./2012/3ºT./2018 – Brasil/Ceará



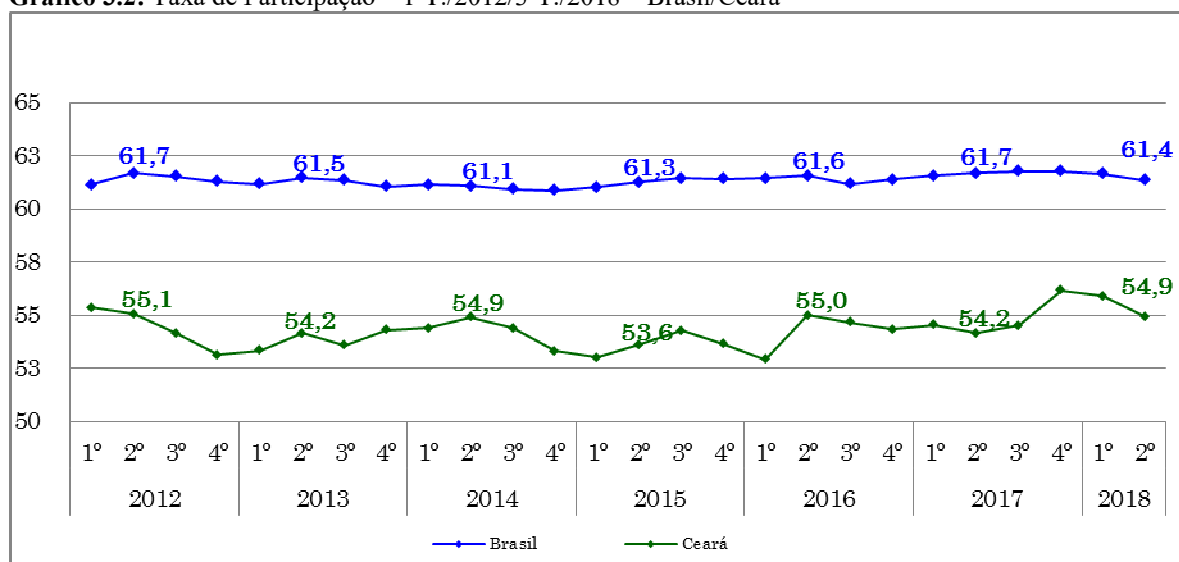
Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

Do terceiro trimestre de 2012 ao terceiro trimestre de 2018 a Taxa de Atividade do Ceará evoluiu de 77,5% para 80,8%, enquanto que do terceiro trimestre de 2017 ao terceiro trimestre de 2018 cresceu levemente (crescimento de 3,3 pontos percentuais (p.p.) e 0,4 ponto percentual (p.p.), respectivamente). Além disso, no terceiro trimestre de 2018 a Taxa de Atividade nacional esteve 0,8 ponto percentual acima da Taxa de Atividade do Estado do Ceará. No terceiro trimestre de 2012 a diferença era de 1,7 ponto percentual.

Por sua vez, o Gráfico 3.2 apresenta a Taxa de Participação (TP), variável que mede a Efetiva Oferta de Trabalho em relação ao contingente populacional que estar apto a trabalhar – dada pela razão entre a Força de Trabalho (FT) e a População em Idade de Trabalhar (PIT).

No Ceará, oscilações intensas têm provocado alterações na Taxa de Participação. Após atingir a mínima de 52,9% no primeiro trimestre de 2016, no terceiro trimestre de 2018 a Taxa de Participação cearense volta a crescer, crescendo 1 ponto percentual com relação ao trimestre anterior.

Gráfico 3.2: Taxa de Participação – 1ºT./2012/3ºT./2018 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

Desde o segundo trimestre de 2017 a Taxa de Participação cearense tem apresentado uma tendência pró-cíclica à medida que a recuperação da atividade econômica tem aumentado o influxo da Força de Trabalho do Estado. Dentro deste contexto, pessoas Fora da Força de Trabalho podem retornar para ela em razão de uma maior busca por ocupação.

De fato, do terceiro trimestre de 2017 ao terceiro trimestre de 2018 houve um influxo de 145 mil pessoas que entraram na Força de Trabalho tendo esse contingente de pessoas deixado a condição de Fora da Força de Trabalho e elevado a Taxa de Participação seja na condição de ocupação ou desocupação.

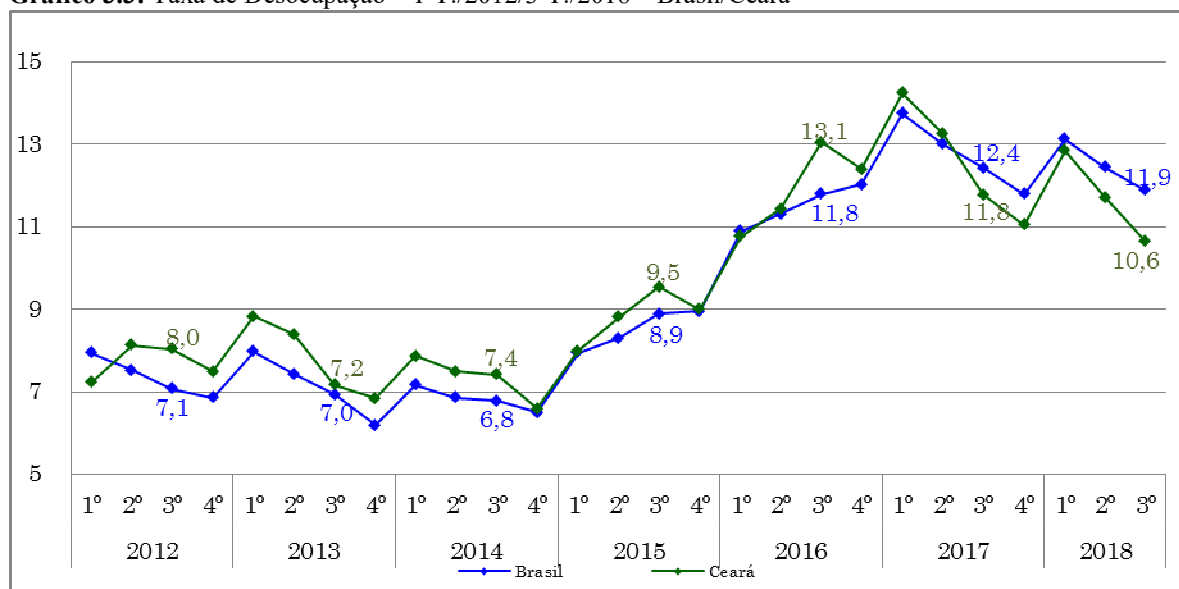
Em um cenário de recuperação da atividade econômica, como o observado desde o início de 2017, pessoas Fora da Força de Trabalho podem retornar para ela em razão de uma maior busca por ocupação. Esse contingente de pessoas deixa a condição de desalento e eleva a Taxa de Atividade, seja na condição de ocupação ou desocupação.

Finalmente, o Gráfico 3.3 apresenta a Taxa de Desocupação (TD). É um indicador que mede uma pressão direta sobre o Mercado de Trabalho de pessoas sem trabalho, que foram a busca e estão disponíveis para começar a trabalhar imediatamente.

Como pode ser observado no Gráfico 3.3, após ter atingido a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante, principalmente no estado. No primeiro trimestre de 2018, o desemprego voltou a crescer em razão de fatores sazonais, mas desde o pico no primeiro trimestre de 2017 a Taxa de Desocupação vem caindo tendo atingido 10,6% neste terceiro trimestre de 2018.

É importante também observar que o desemprego ainda encontra-se em patamares elevados. Por outro lado, o influxo de pessoas de Fora da Força de Trabalho para dentro da Força de Trabalho também tem pressionado a Taxa de Desocupação não permitindo, assim, uma queda mais intensa do desemprego no estado.

Gráfico 3.3: Taxa de Desocupação – 1ºT./2012/3ºT./2018 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

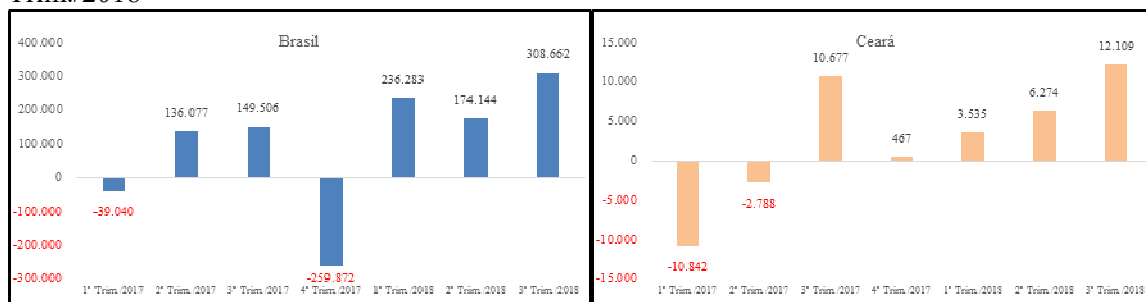
3.2. Emprego Formal

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho revelam que o Brasil gerou um saldo positivo de 308.662 vagas com carteira assinada no terceiro trimestre do ano de 2018. Esse foi o maior saldo de empregos no ano, superando o registrado no primeiro trimestre (236.283 vagas) e no segundo trimestre (174.144 vagas) e também maior que o saldo registrado em igual período do ano de 2017 (149.506 vagas).

O mercado de trabalho cearense registrou igualmente um bom desempenho na geração de novas vagas de trabalho celetista para o terceiro trimestre de 2018 (12.109 vagas),

sendo também a maior geração de postos de trabalho com carteira assinada por trimestre no ano, superando também a criação de vagas em igual período de 2017 (10.677 vagas).

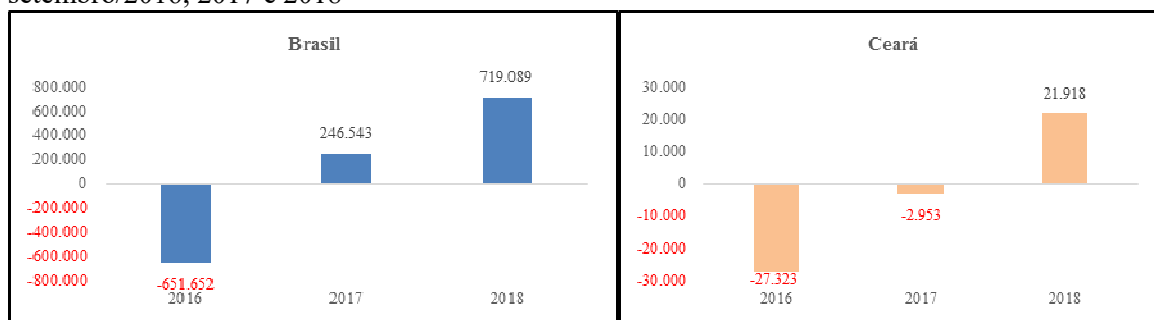
Gráfico 3.4: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará - 1º Trim./2017 ao 3º Trim./2018



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

No acumulado do ano até setembro de 2018, o país gerou um total de 719.089 vagas de trabalho com carteira assinada e o Ceará um total de 21.918 vagas na mesma categoria de emprego. Ao se comparar o saldo de empregos gerados nos últimos três anos, é possível notar que ambos os mercados de trabalho nacional e local registraram desempenhos, em 2018, bem acima daqueles observados nos anos de 2016 quando observou-se destruição de vagas tanto no país quanto no Ceará e 2017 quando o país criou 246.543 vagas e o Ceará destruiu 2.953 vagas. O país conseguiu gerar um saldo de empregos quase três vezes o gerado em igual período do ano passado.

Gráfico 3.5: Evolução do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará – Acumulado do ano até setembro/2016, 2017 e 2018



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Evolução do Saldo de Empregos Celetistas no Contexto Nacional

A Tabela 3.1 abaixo apresenta a evolução trimestral do saldo de empregos celetista entre o terceiro trimestre de 2017 e o terceiro trimestre de 2018 para o Brasil e estados. No terceiro trimestre de 2017, um total de vinte e um estados registraram saldo positivo de empregos. Esse número cresceu para vinte e cinco estados no terceiro trimestre de 2018. Os maiores cinco saldos positivos de empregos foram registrados nos estados de São Paulo (+75.408 vagas); Pernambuco (+33.832 vagas); Paraná (+22.789 vagas); Minas Gerais

(+20.990 vagas) e Alagoas (+20.285 vagas). A soma conjunta desses cinco maiores saldos foi de 173.304 vagas, participando com 56,1% do saldo positivo total do país de 308.662 vagas. Por outro lado, apenas dois saldos negativos foram observados nos estados do Rio Grande do Sul (-4.719 vagas) e Mato Grosso do Sul (-455 vagas).

O estado do Ceará registrou um saldo positivo de 12.109 vagas com carteira assinada tendo ocupado a décima colocação no país e a quarta dentro da região Nordeste, superado pelos saldos registrados em Pernambuco, Alagoas e Bahia, superando a geração de empregos de importantes estados do país, a exemplo do Rio de Janeiro que criou 10.856 vagas no mesmo trimestre.

Tabela 3.1: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista – Brasil e Estados – 3º Trim./2017 ao 3º Trim./2018

Estados	3º Trim./2017	Rank.	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.	2º Trim./2018	Rank.	3º Trim./2018	Rank.
São Paulo	49.399	1	-125.332	27	89.173	1	55.480	2	75.408	1
Pernambuco	21.242	2	1.401	4	-20.493	26	1.221	16	33.832	2
Paraná	6.992	7	-17.942	24	28.075	5	4.094	11	22.789	3
Minas Gerais	-9.745	26	-35.717	26	35.464	4	58.175	1	20.990	4
Alagoas	7.291	6	17.134	1	-21.843	27	-2.180	25	20.285	5
Pará	6.635	9	-4.649	17	-3.653	22	6.620	8	16.215	6
Bahia	6.442	11	-12.028	21	13.293	7	9.165	5	14.516	7
Mato Grosso	12.369	4	-15.298	22	13.261	8	10.213	4	13.825	8
Goiás	6.142	12	-21.417	25	20.036	6	13.710	3	13.430	9
Ceará	10.677	5	467	5	3.535	12	6.274	9	12.109	10
Santa Catarina	15.138	3	-8.638	19	36.644	3	-2.738	26	11.027	11
Rio de Janeiro	-12.987	27	-15.506	23	-8.700	25	3.653	12	10.856	12
Paraíba	6.814	8	12	7	-5.865	24	91	22	10.763	13
Rio Grande do Norte	6.517	10	-2.209	14	-4.524	23	778	18	7.228	14
Distrito Federal	4.890	13	-2.903	15	6.264	10	6.065	10	6.230	15
Amazonas	4.803	15	2.110	3	-245	19	-19	23	5.780	16
Maranhão	4.823	14	-714	9	629	17	6.774	7	3.848	17
Sergipe	-97	22	4.560	2	-3.621	21	265	21	3.207	18
Espírito Santo	-3.946	25	-3.597	16	6.611	9	7.254	6	2.810	19
Piauí	2.197	18	-1.111	13	755	15	2.375	13	2.155	20
Rondônia	3.492	16	-861	12	793	14	901	17	2.003	21
Amapá	333	21	-541	8	742	16	414	19	1.794	22
Tocantins	2.518	17	-825	11	962	13	2.179	14	1.598	23
Acre	850	20	-742	10	-1.015	20	310	20	582	24
Roraima	1.265	19	131	6	-142	18	-707	24	556	25
Mato Grosso do Sul	-2.299	24	-8.708	20	5.461	11	1.818	15	-455	26
Rio Grande do Sul	-2.249	23	-6.949	18	44.686	2	-18.041	27	-4.719	27
Total	149.506	---	-259.872	---	236.283	---	174.144	---	308.662	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

A Tabela 3.2 a seguir apresenta a evolução do saldo de empregos celetista para o acumulado do ano até setembro dos últimos três anos para o Brasil e estados. Nota-se que em 2016, apenas quatro estados haviam registrado saldo positivo de empregos, aumentando para

dezenove estados em 2017 e aumentando ainda mais para vinte e três estados em 2018, revelando nítida recuperação no mercado de trabalho nacional.

Os cinco maiores saldos positivos para o acumulado até setembro de 2018 foram observados nos estados de São Paulo (+220.061 vagas); Minas Gerais (+114.629 vagas); Paraná (+54.958 vagas); Goiás (+47.176 vagas) e Santa Catarina (+44.933 vagas), todos pertencentes as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do país. A soma conjunta desses cinco estados foi de 481.757 vagas, participando com 66,9% do saldo positivo do país.

Por outro lado, quatro estados apresentaram destruição de vagas de trabalho no acumulado do ano de 2018: Alagoas (-3.738 vagas); Roraima (-293 vagas); Sergipe (-149 vagas) e Acre (-123 vagas).

O estado do Ceará criou em igual período 21.918 vagas de trabalho formais, levemente inferior o saldo de empregos gerados no estado do Rio Grande do Sul (21.926 vagas), ocupando a nona colocação do país e segunda do Nordeste superado apenas pelo estado da Bahia que ficou com a sétima posição.

Tabela 3.2: Evolução do saldo de empregos celetista – Brasil e Estados – Acumulado do ano até setembro/2016, 2017 e 2018

Estados	2016	Rank.	2017	Rank.	2018	Rank.
São Paulo	-170.118	27	119.004	1	220.061	1
Minas Gerais	-47.989	25	59.072	2	114.629	2
Paraná	-20.246	19	31.316	6	54.958	3
Goiás	16.517	1	48.178	3	47.176	4
Santa Catarina	-6.199	9	37.913	4	44.933	5
Mato Grosso	5.958	3	31.818	5	37.299	6
Bahia	-41.559	24	12.151	7	36.974	7
Rio Grande do Sul	-28.438	23	-1.387	20	21.926	8
Ceará	-27.323	22	-2.953	22	21.918	9
Para	-19.255	18	-1.827	21	19.182	10
Distrito Federal	-15.067	16	4.992	9	18.559	11
Espírito Santo	-26.277	20	1.764	16	16.675	12
Pernambuco	-26.465	21	-7.957	25	14.560	13
Maranhão	-9.507	12	2.672	14	11.251	14
Mato Grosso do Sul	7.207	2	3.699	11	6.824	15
Rio de Janeiro	-164.919	26	-77.171	27	5.809	16
Amazonas	-12.286	14	28	19	5.516	17
Piauí	-8.546	11	4.438	10	5.285	18
Paraíba	-6.502	10	-3.361	23	4.989	19
Tocantins	-736	6	5.057	8	4.739	20
Rondônia	-5.952	8	2.816	13	3.697	21
Rio Grande do Norte	-10.765	13	3.045	12	3.482	22
Amapá	-3.185	7	712	18	2.950	23
Acre	-395	5	917	17	-123	24
Sergipe	-14.651	15	-5.451	24	-149	25
Roraima	949	4	2.529	15	-293	26
Alagoas	-15.903	17	-25.471	26	-3.738	27
Total	-651.652	---	246.543	---	719.089	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Evolução do Saldo de Empregos Celetistas por Atividades

A Tabela 3.3 abaixo apresenta a evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores no Brasil entre o terceiro trimestre de 2017 e o terceiro trimestre de 2018. No primeiro período, dos oito setores analisados para o mercado de trabalho brasileiro, quatro deles registraram saldo positivo. Já no terceiro trimestre de 2018, esse número cresceu para sete setores. Os setores que registraram os maiores saldos positivos no mercado de trabalho brasileiro no terceiro trimestre de 2018 foram: Serviços (+147.822 vagas); Indústria de transformação (+59.807 vagas) e Comércio (+45.103 vagas). A Construção civil também apresentou um saldo significativo de empregos no mercado de trabalho nacional num total de 37.572 vagas. Apenas o setor da Administração pública destruiu vagas de trabalho num total de 28 vagas.

Tabela 3.3: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores - Brasil - 3º Trim./2017 ao 3º Trim./2018

Setores	3º Trim./2017	Rank.	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.	2º Trim./2018	Rank.	3º Trim./2018	Rank.
Serviços	55.387	2	-89.836	7	194.495	1	94.548	1	147.822	1
Indústria de transformação	56.323	1	-107.065	8	79.014	2	-2.550	7	59.807	2
Comércio	44.103	3	118.766	1	-72.525	8	-19.419	8	45.103	3
Construção Civil	8.130	4	-81.587	6	22.711	3	19.852	3	37.572	4
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-10.963	8	-73.623	5	-3.629	7	76.622	2	13.058	5
Serviços Industr de Utilidade Pública	-2.538	7	-3.076	2	2.608	5	3.800	4	3.690	6
Extrativa mineral	-412	5	-4.170	3	301	6	906	5	1.638	7
Administração Pública	-524	6	-19.281	4	13.308	4	385	6	-28	8
Total	149.506	---	-259.872	---	236.283	---	174.144	---	308.662	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

A Tabela 4.4, por sua vez, apresenta a evolução do saldo de empregos celetista por setores no Brasil para o acumulado do ano até setembro nos últimos três anos. Diferente do ocorrido em 2016, quando apenas dois setores registraram saldo positivo de empregos, e em 2017, quando esse número cresceu para quatro setores, o ano de 2018 teve sete setores registrando saldo positivo de empregos revelando que a recuperação no mercado de trabalho foi observada em quase todos os setores da economia nacional, a exceção tendo ficado por conta do Comércio que ainda apresentou destruição de 46.841 vagas, contudo significativamente menor comparada quando comparada a destruição de 73.297 vagas vista em igual período de 2017.

Vale destacar que os três setores que registraram os maiores saldos positivos no mercado de trabalho brasileiro no ano de 2018: Serviços (+436.865 vagas); Indústria de transformação (+136.271 vagas) e Agropecuária, extr. vegetal, caça e pesca (+86.051 vagas).

Tabela 3.4: Evolução do saldo de empregos celetista por setores – Brasil – Acumulado do ano até setembro/2016, 2017 e 2018

Setores	2016	Rank.	2017	Rank.	2018	Rank.
Serviços	-156.635	6	130.369	1	436.865	1
Indústria de transformação	-133.682	5	85.970	3	136.271	2
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	75.435	1	110.797	2	86.051	3
Construção Civil	-189.330	7	-22.548	7	80.135	4
Administração Pública	18.826	2	18.082	4	13.665	5
Serviços Industr de Utilidade Pública	-6.206	3	-1.053	5	10.098	6
Extrativa mineral	-6.267	4	-1.777	6	2.845	7
Comércio	-253.793	8	-73.297	8	-46.841	8
Total	-651.652	---	246.543	---	719.089	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

A Tabela 3.5 a seguir apresenta a evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores no Ceará entre o terceiro trimestre de 2017 e o terceiro trimestre de 2018. No terceiro trimestre de 2017, sete setores registraram saldos positivos de empregos, com exceção da indústria Extrativa Mineral. No terceiro trimestre de 2018, todos os oito setores registraram saldos positivos de empregos no mercado de trabalho cearense. Os três setores com os maiores saldos observados neste período foram: Serviços (+ 5.280 vagas); Agropecuária, extr. vegetal, caça e pesca (+2.341 vagas) e Indústria de transformação (+1.713 vagas). O Comércio e a Construção civil também registraram saldos positivos acima de mil vagas.

Tabela 3.5: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores - Ceará - 3º Trim./2017 ao 3º Trim./2018

Setores	3º Trim./2017	Rank.	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.	2º Trim./2018	Rank.	3º Trim./2018	Rank.
Serviços	3.840	1	1.016	2	3.327	2	4.979	1	5.280	1
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	2.457	2	-1.530	6	-1.181	7	-72	6	2.341	2
Indústria de transformação	1.673	3	-2.307	8	4.345	1	-658	7	1.713	3
Comércio	1.592	4	5.267	1	-3.368	8	-700	8	1.325	4
Construção Civil	620	5	-1.825	7	38	6	2.585	2	1.035	5
Serviços Industr de Utilidade Pública	347	6	-2	3	94	4	53	3	225	6
Administração Pública	152	7	-31	4	219	3	46	4	123	7
Extrativa mineral	-4	8	-121	5	61	5	41	5	67	8
Total	10.677	---	467	---	3.535	---	6.274	---	12.109	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Por fim, a Tabela 3.6 apresenta a evolução do saldo de empregos celetista por setores no Ceará para o acumulado do ano até setembro nos últimos três anos. Apenas dois setores registraram saldo positivo de empregos em 2016, aumentando esse número para quatro em 2017 e para sete setores em 2018, revelando a mesma trajetória observada para o país. Os três setores que registraram os maiores saldos positivos no acumulado do ano de 2018 foram: Serviços (+13.586 vagas); Indústria de transformação (+5.400 vagas) e Construção civil (+3.658 vagas). Igualmente ao observado para o país, apenas o setor de Comércio apresentou

destruição de vagas num total de 2.743 vagas, todavia, inferior ao saldo negativo observado nos últimos dois anos.

Tabela 3.6: Evolução do saldo de empregos celetista por setores – Ceará – Acumulado do ano até setembro/2016, 2017 e 2018

Setores	2016	Rank.	2017	Rank.	2018	Rank.
Serviços	1.290	1	1.778	1	13.586	1
Indústria de transformação	-7.399	6	-1.462	7	5.400	2
Construção Civil	-8.733	7	-465	6	3.658	3
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	587	2	1.160	2	1.088	4
Administração Pública	-119	3	562	3	388	5
Serviços Industr de Utilidade Pública	-2.211	5	493	4	372	6
Extrativa mineral	-144	4	-201	5	169	7
Comércio	-10.594	8	-4.818	8	-2.743	8
Total	-27.323	---	-2.953	---	21.918	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

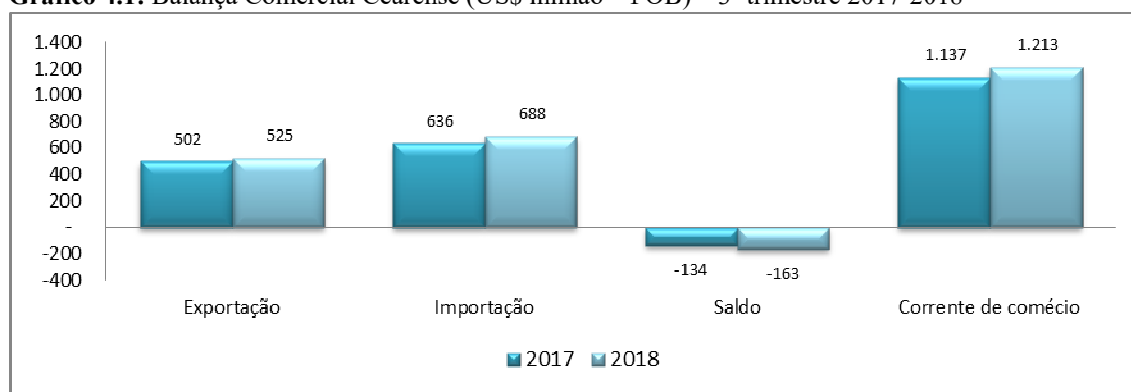
4 COMÉRCIO EXTERIOR

As exportações do Ceará totalizaram US\$ 525,2 milhões no terceiro trimestre de 2018, observando-se uma queda de 6,5% em relação ao segundo trimestre de 2018, quando as vendas externas totalizaram US\$ 536,6 milhões. Na comparação com o terceiro trimestre de 2017 verificou-se um crescimento na ordem de 4,7%. Vale ressaltar que as exportações de julho obtiveram destaque no terceiro trimestre, representando 47% de todas as exportações do terceiro trimestre de 2018, com valor de US\$ 246,6 milhões, tendo sido também o mês com o maior valor exportado do ano de 2018.

As importações cearenses fecharam o terceiro trimestre de 2018 com o acumulado de US\$ 688,1 milhões, queda de 0,2% comparado ao segundo trimestre do ano do mesmo ano. As importações do terceiro trimestre de 2018 registraram crescimento de 8,2% em comparação ao mesmo período de 2017.

O saldo da balança comercial cearense foi deficitário em US\$ 162,9 milhões no terceiro trimestre de 2018, valor maior quando comparado ao mesmo período de 2016 (US\$ -134,3 milhões). O valor da corrente de comércio do terceiro trimestre foi de US\$ 1,2 bilhão, aumento de 6,7% em relação ao registrado em 2017.

Gráfico 4.1: Balança Comercial Cearense (US\$ milhão – FOB) – 3º trimestre 2017-2018



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

No *ranking* das exportações nacionais o estado de São Paulo continua sendo o líder, seguido do Rio de Janeiro e Minas Gerais com participações de 21,55%, 11,95% e 9,74%, respectivamente. O Ceará encontra-se na 15ª posição, participando com 0,86% do total exportado pelo país; em 2017, essa participação era de 0,89%. Pelo lado das importações, São Paulo é o maior importador do país, seguido por Rio de Janeiro e Santa Catarina, com participações de 33,82%, 13,34% e 8,56%, respectivamente. O Ceará encontra-se na 13ª posição do *ranking*, com 1,47% das importações nacionais.

Exportações

No terceiro trimestre de 2018, os *Produtos Metalúrgicos* permaneceram como líder na pauta exportadora do Ceará. No período analisado foram exportados US\$ 318,9 milhões desse setor, valor que corresponde a 60,73% do total exportado pelo estado. Em comparação com o terceiro trimestre de 2017, houve um aumento de 29,03% na venda do setor. As exportações de *Produtos semimanufacturados de ferro ou aço não ligado* participam com 87,7% do total desse grupo.

O setor de *Calçados* ocupa o segundo lugar, com valor de exportado de US\$ 42,6 milhões no terceiro trimestre de 2018, participando com 8,11% do total exportado pelo estado. Em terceiro lugar estão as exportações de *Máquinas, aparelhos e suas partes*, com valor de US\$ 30,9 milhões e participação de 5,9%; no terceiro trimestre de 2017 a participação do grupo era de 2,67%. Desse grupo o principal produto exportado é *Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores* correspondendo por 97,85% da exportação do grupo.

Dos dez principais produtos exportados pelo Ceará, seis apresentaram queda, foram eles: *Couros e Peles* (-59,44%); *Calçados e suas partes* (-38,97%); *Produtos Indústria de Alimentos e Bebidas* (-33,17%); *Ceras Vegetais* (-25,01%); *Castanha de caju* (-23,36); *Têxteis* (-20,12%).

Dentre os principais seguimentos exportados pelo Ceará *Máquinas, aparelhos e suas partes* foi o setor que obteve maior crescimento (131,17%) no terceiro trimestre de 2018 quando comparado com o mesmo período de 2017. Também registraram crescimento nesse período *Frutas* (54,34%); *Produtos Metalúrgicos* (29,03%) e *Lagosta* (7,74%).

Os dez principais produtos exportado pelo Ceará no terceiro trimestre de 2018 responderam por 92,95% da pauta exportadora do estado.

Tabela 4.1: Principais produtos exportados – 3º trimestre – 2017-2018 (US\$ FOB)

Descrição do produtos	3º trim 2017		3º trim 2018		Var %
	US\$	Part %	US\$	Part %	
Produtos Metalúrgicos	247.197.553	49,29	318.955.089	60,73	29,03
Calçados e suas partes	69.766.783	13,91	42.580.355	8,11	-38,97
Máquinas, aparelhos e suas partes	13.378.846	2,67	30.927.573	5,89	131,17
Lagosta	18.094.835	3,61	19.495.838	3,71	7,74
Produtos Ind. de Alim. e Beb.	25.417.941	5,07	16.987.188	3,23	-33,17
Castanha de caju, fresca ou seca, com casca	20.185.630	4,02	15.469.345	2,95	-23,36
Frutas (Exceto Castanha de caju)	9.175.561	1,83	14.161.265	2,70	54,34
Couros e Peles	28.368.162	5,66	11.505.352	2,19	-59,44
Ceras Vegetais	13.402.897	2,67	10.050.499	1,91	-25,01
Têxteis	10.104.481	2,01	8.071.849	1,54	-20,12
<i>Principais Produtos</i>	455.092.689	90,74	488.204.353	92,95	7,28
<i>Demais produtos</i>	46.433.329	9,26	37.035.592	7,05	-20,24
Ceará	501.526.018	100,00	525.239.945	100,00	4,73

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Destinos

Os Estados Unidos, Coreia do Sul, Canadá e Alemanha foram os principais destinos das exportações cearenses, juntos esses países respondem por 69,33% da pauta exportadora do estado, indicando uma elevada concentração de destino das exportações.

Os Estados Unidos permaneceu como principal comprador das mercadorias cearenses, com participação de 51,36%. No terceiro trimestre de 2018, o crescimento do valor exportado para os Estados Unidos foi de 197,98%, comparado ao mesmo período do ano anterior. Os principais produtos exportados para esse país foram: *Ferro fundido, ferro e aço; Máquinas, aparelhos e suas partes; Peixes e crustáceos; Calçados; e Frutas.*

A Coreia do Sul aparece em segundo lugar dentre os principais destinos das exportações cearenses, com 7,17% de participação, no mesmo período do ano anterior a participação foi de apenas 2%. O valor exportado para esse país foi na ordem de US\$ 37,6 milhões no terceiro trimestre de 2018, no mesmo período de 2017, o valor exportado foi de US\$ 10,1 milhões. Os principais produtos exportados para esse destino foram: *Ferro fundido, ferro e aço; Calçados; Ceras vegetais; e Obras de couro.*

O terceiro principal destino foi o Canadá, com 5,46% de participação. O valor exportado para esse país foi de US\$ 28,6 milhões, com destaque para os produtos *Ferro fundido, ferro e aço; Máquinas, aparelhos e suas partes; Ceras vegetais; e Mel natural.*

Tabela 4.2: Principais Destinos das Exportações (US\$ FOB) – 3º Trimestre de 2017-2018

Principais países	3º trim. 2017		3º trim. 2018		Var % 2018/2017
	US\$	Part. %	US\$	Part. %	
Estados Unidos	90.538.426	18,05	269.786.017	51,36	197,98
Coreia do Sul	10.126.200	2,02	37.664.481	7,17	271,95
Canadá	27.604.687	5,50	28.696.098	5,46	3,95
Alemanha	38.382.503	7,65	28.001.070	5,33	-27,05
Áustria	33.309	0,01	19.808.196	3,77	59368,00
Reino Unido	15.828.261	3,16	17.737.283	3,38	12,06
Argentina	35.771.821	7,13	14.226.098	2,71	-60,23
República Tcheca	21.146.926	4,22	13.774.463	2,62	-34,86
Países Baixos (Holanda)	9.065.706	1,81	10.197.617	1,94	12,49
China	11.540.392	2,30	8.020.387	1,53	-30,50
<i>Principais países</i>	260.038.231	51,85	447.911.710	85,28	72,25
<i>Demais países</i>	241.487.787	48,15	77.328.235	14,72	-67,98
Total	501.526.018	100,00	525.239.945	100,00	4,73

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Importações

No terceiro trimestre de 2018, o grupo de *Combustíveis minerais* liderou o ranking das importações do Ceará, com valor de US\$ 217,2 milhões, consistindo em 31,56% do total das importações nesse período. Porém, esse segmento apresentou queda de 15,15% em relação ao mesmo período de 2017. Os principais produtos importados desse grupo foram *Hulha betuminosa, não aglomerada e Gás natural liquefeito*.

O Ceará, no terceiro trimestre de 2018, registrou crescimento das importações de *Cereais* (11,08%), passando a ser o segundo grupo de maior valor importado, com US\$ 76,2 milhões (11,08%), apresentando um crescimento de 25,6% sobre o terceiro trimestre de 2017. O principal produto importado desse grupo foi *Outros trigos e misturas de trigo com centeio*.

Produtos da indústria química ocuparam o terceiro lugar, com valor de US\$ 74,2 milhões (10,78%), aumentando em 4,63% suas importações em relação ao mesmo período de 2017. Esse grupo foi representado principalmente por *herbicidas*.

No terceiro trimestre de 2018 as importações de *Produtos Metalúrgicos* foram no valor de US\$ 66,7 milhões, participando com 7,73% da pauta importadora do estado.

Dos principais produtos importados pelo Ceará em 2018 o que obteve maior crescimento em relação ao terceiro trimestre de 2017 foram *Aeronaves e aparelhos espaciais* (26.621,85%), desse grupo foram importados principalmente: *Helicópteros e Pára-quadras*. Produtos Metalúrgicos foram o segundo produto com maior crescimento (95,79%) dentre os principais, seguido por *Maquinas, aparelhos e materiais elétricos* (94,13%) e *Óleo de dendê* (52,08%).

Tabela 4.3: Principais Produtos Importados (US\$ FOB) – 3º Trimestre 2017-2018

Principais produtos	3º trim 2017		3º trim 2018		Var (%) 2018/2017
	US\$	Part %	US\$	Part %	
Combustíveis minerais e outros derivados	255.991.861	40,26	217.211.022	31,56	-15,15
Cereais	60.691.672	9,54	76.228.392	11,08	25,60
Produtos Ind. Química	70.897.487	11,15	74.182.056	10,78	4,63
Produtos Metalúrgicos	34.213.311	5,38	66.987.624	9,73	95,79
Máquinas, materiais elétricos e suas partes	28.589.824	4,50	55.501.443	8,06	94,13
Reatores nucleares, máquinas e suas partes	46.211.363	7,27	53.038.612	7,71	14,77
Têxteis	28.251.750	4,44	34.318.621	4,99	21,47
Plásticos, Borrachas e suas obras	26.636.532	4,19	19.807.830	2,88	-25,64
Óleos de dende	11.835.514	1,86	17.999.675	2,62	52,08
Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes	45.410	0,01	12.134.390	1,76	26621,85
<i>Principais produtos</i>	563.364.724	88,60	627.409.665	91,17	11,37
<i>Demais produtos</i>	72.494.529	11,40	60.776.409	8,83	-16,16
Ceará	635.859.253	100,00	688.186.074	100,00	8,23

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE

Origens

No terceiro trimestre de 2018 o Ceará importou, principalmente, produtos vindos da China, correspondendo a quantia de US\$ 153,4 milhões, valor superior ao registrado no terceiro trimestre de 2017. Esse país participou com 22,3% do total da pauta cearense, contra 19,7% no terceiro trimestre de 2017. Os principais produtos oriundos desse país foram: *Maquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; Produtos químicos orgânicos; e Ferro fundido, ferro e aço*

Os Estados Unidos foi o segundo país de onde o Ceará mais importou, com valor de US\$ 152,1 milhões, correspondendo a 22,11% do total importado pelo estado e apresentando crescimento de 49,07%, em relação ao terceiro trimestre de 2017. Os principais produtos importados desse país foram *Combustíveis minerais (65,30%), Cereais (10,65%), e Ferro fundido, ferro e aço (8,90%)*

Dos principais países fornecedores do estado do Ceará, no terceiro trimestre de 2018, os que obtiveram maior crescimento em relação a 2017 foram: Noruega (4.581,01%), Reino Unido (502,01%), Estados Unidos (49,07%) e Índia. Desses países foram importados, principalmente: *Combustíveis minerais; Ferro fundido, ferro e aço; Cereais; e Produtos químicos.*

Tabela 4.4: Principais Origens dos Produtos Importados (US\$ FOB) – 3º Trimestre 2017-2018

Principais países	2º trim 2017		2º trim 2018		Var % 2018/2017
	US\$	Part %	US\$	Part %	
China	125.203.327	19,69	153.418.034	22,29	22,54
Estados Unidos	102.086.241	16,05	152.181.804	22,11	49,07
Colômbia	71.109.856	11,18	66.301.405	9,63	-6,76
Argentina	58.313.966	9,17	54.451.860	7,91	-6,62
Alemanha	27.619.207	4,34	30.860.796	4,48	11,74
Austrália	31.403.052	4,94	24.601.324	3,57	-21,66
Rússia	18.742.008	2,95	21.106.469	3,07	12,62
Índia	13.359.547	2,10	16.602.582	2,41	24,28
Noruega	333.418	0,05	15.607.321	2,27	4581,01
Reino Unido	2.178.787	0,34	13.116.418	1,91	502,01
<i>Principais países</i>	450.349.409	70,83	548.248.013	79,67	21,74
<i>Demais países</i>	185.509.844	29,17	139.938.061	20,33	-24,57
Ceará	635.859.253	100,00	688.186.074	100,00	8,23

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

5 FINANÇAS PÚBLICAS

Ao observar-se as contas públicas, no terceiro trimestre de 2018, contata-se que elas apresentaram aspectos positivos, quando se analisa as receitas, e negativos, quando a análise se detém nas despesas. Pelo lado das receitas observa-se, ver Tabela 5.1, quando compara-se o terceiro trimestre de 2018 com o de 2017, um incremento de 3,2% das receitas correntes estaduais, sendo esse crescimento devido, principalmente, ao incremento de 4,3% das receitas tributárias entre os dois períodos. Já as transferências correntes apresentaram nível, aproximadamente, igual ao verificado um ano antes.

No acumulado do ano de 2018, é possível verificar, ainda na Tabela 5.1, um incremento de 2,0% das receitas correntes, devido ao incremento de 2,8% e 2,3% das receitas tributárias e de transferências, respectivamente, e a queda de 4,3% das demais receitas correntes.

Tabela 5.1: Receitas do Governo Estadual no Terceiro trimestre de 2017 e 2018 (R\$1.000,00 de 3º trim. 2018)

Descrição	3º Trim.					Acumulado				
	2017		2018		Var (%)	2017		2018		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Receitas correntes	5.130.863	86,7	5.293.518	88,7	3,2	16.505.118	90,4	16.841.318	90,4	2,0
Receita tributária	3.047.135	51,5	3.178.496	53,3	4,3	9.381.265	51,4	9.643.355	51,8	2,8
Transferências correntes	1.657.920	28,0	1.654.263	27,7	-0,2	5.790.396	31,7	5.921.804	31,8	2,3
Outras receitas correntes	425.808	7,2	460.758	7,7	8,2	1.333.456	7,3	1.276.159	6,8	-4,3
Receitas de Capital	469.898	7,9	244.932	4,1	-47,9	870.762	4,8	732.829	3,9	-15,8
Operações de crédito	344.010	5,8	154.126	2,6	-55,2	620.242	3,4	500.451	2,7	-19,3
Outras receitas de capital	125.887	2,1	90.805	1,5	-27,9	250.520	1,4	232.378	1,2	-7,2
Receitas Intraorçamentárias	316.175	5,3	428.424	7,2	35,5	877.668	4,8	1.060.239	5,7	20,8
Total Geral	5.916.936	100,0	5.966.874	100,0	0,8	18.253.547	100,0	18.634.387	100,0	2,1
Receitas correntes	4.166.853	70,4	4.578.813	76,7	9,9	13.578.630	74,4	13.928.287	74,7	2,6

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

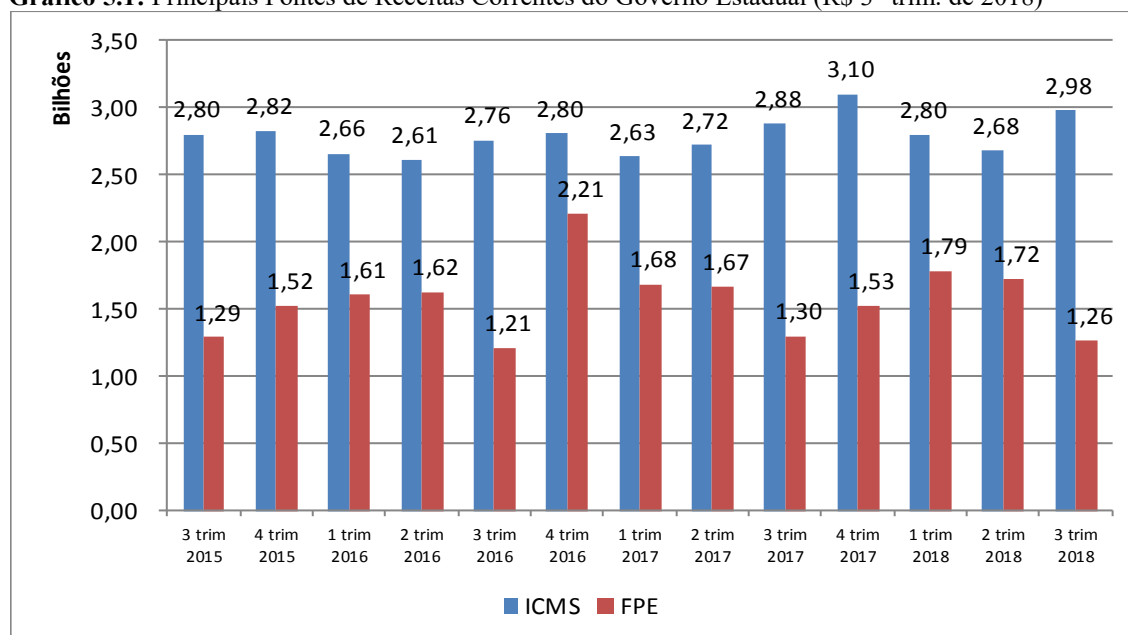
Obs.: Corrigido pela média do IPCA do terceiro trimestre.

Quanto as receitas de capital constata-se uma significativa queda de 47,9%, sendo possível que essa redução esteja relacionada as eleições de 2018, dado que existe um conjunto de restrições a contratação de crédito no último ano de mandato do ocupante do executivo local. Um último ponto a ser destacado, quanto ao comportamento das receitas, é a expressivo incremento 9,9% das Receitas Correntes Líquidas (RCL) entre o terceiro trimestre de 2018 e idêntico período do ano anterior. No acumulado do ano também se verifica, embora em menor proporção (2,6%), incremento da RCL em 2018. Esse incremento, no trimestre, é decorrente

tanto de uma queda de 4,4% das deduções de receita e um incremento de 5,8% das receitas correntes do Estado.

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento dos repasses são apresentados no Gráfico 5.1. Como pode ser observado as receitas de ICMS, no terceiro trimestre de 2018, foram 3,4% superiores as observadas um ano antes.

Gráfico 5.1: Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual (R\$ 3º trim. de 2018)



Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Com relação ao FPE, o segundo trimestre de 2018 apresentou um decréscimo de 2,6%, relativamente ao terceiro trimestre de 2017. É interessante observar que no primeiro e segundo trimestres de 2018 houve crescimento dos recursos transferido a título de FPE, ou seja, o terceiro trimestre reverteu a tendência de crescimento das transferências verificada nos dois trimestres anteriores.

Já os aspectos negativos das contas públicas cearense o crescimento das despesas públicas estaduais mencionado anteriormente, cujo dados são apresentados na Tabela 5.2, é possível constatar um crescimento de 6,6% das despesas correntes estaduais, quando compara-se o terceiro trimestre de 2018 com idêntico período de 2017. É interessante observar que o principal componente das despesas correntes, as despesas com pessoal, aumentaram em 7,5%, no comparativo trimestral, sendo um crescimento superior ao verificado para as receitas correntes.

No acumulado do ano, constata-se a mesma tendência de crescimento das despesas correntes e das despesas de pessoal, embora em um percentual inferior ao da variação trimestral. Entretanto, no acumulado do ano, essas duas despesas cresceram de forma mais acelerada que as receitas correntes e a RCL, sendo essa trajetória insustentável no longo prazo.

Tabela 5.2: Despesas do Governo Estadual no Terceiro trimestre de 2017 e 2018 (R\$1.000,00 de 3º trim. 2018)

Descrição	3º Trim.					Acumulado				
	2017		2018		Var (%)	2017		2018		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Despesas correntes	5.550.300	86,8	5.918.980	85,3	6,6	15.675.593	88,0	16.587.068	86,5	5,8
Pessoal e encargos sociais	2.991.560	46,8	3.215.288	46,3	7,5	8.323.780	46,7	8.803.559	45,9	5,8
Juros e encargos da dívida	82.901	1,3	141.284	2,0	70,4	301.132	1,7	403.930	2,1	34,1
Outras despesas correntes	2.475.839	38,7	2.562.408	36,9	3,5	7.050.680	39,6	7.379.579	38,5	4,7
Despesas de capital	843.751	13,2	1.022.487	14,7	21,2	2.142.822	12,0	2.596.596	13,5	21,2
Investimentos	635.648	9,9	795.877	11,5	25,2	1.434.945	8,1	1.844.791	9,6	28,6
Amortizações	158.641	2,5	191.086	2,8	20,5	589.549	3,3	617.599	3,2	4,8
Inversões financeiras	49.462	0,8	35.525	0,5	-28,2	118.329	0,7	134.206	0,7	13,4
Reserva de contingência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total geral	6.394.051	100,0	6.941.467	100,0	8,6	17.818.415	100,0	19.183.663	100,0	7,7

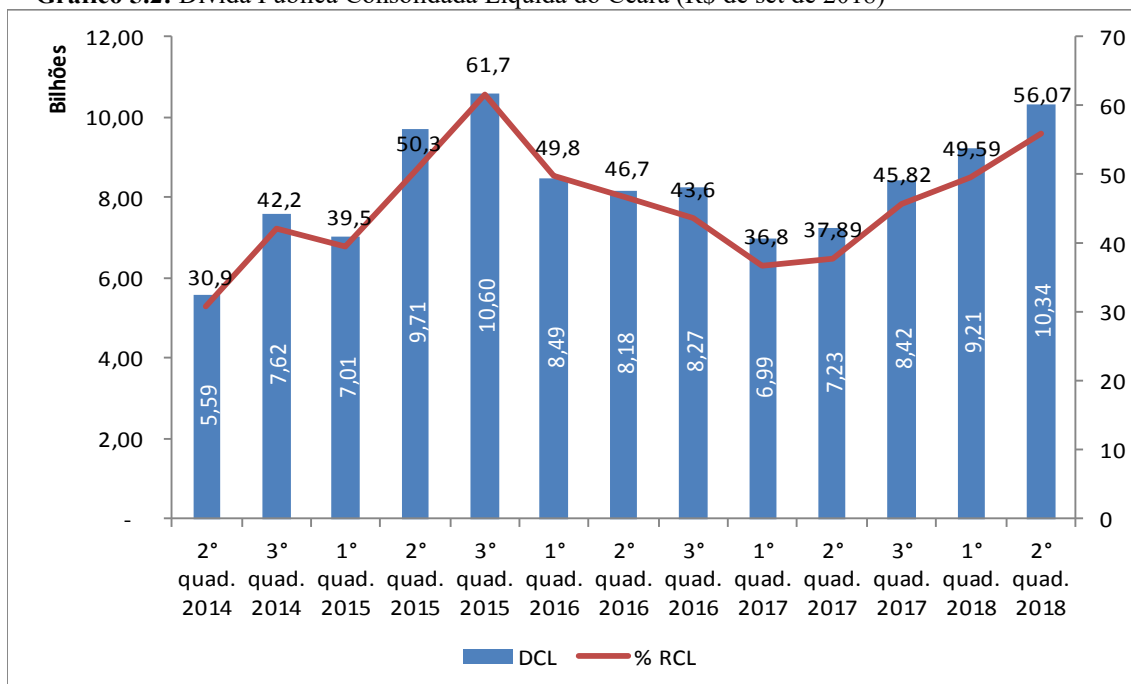
Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do terceiro trimestre.

As despesas de capital também apresentam, tanto na comparação trimestral como no acumulado do ano, crescimento significativo, superando os 20% em ambos os períodos. O Desempenho da despesa com “Investimentos” é a principal causa deste incremento.

Por fim, um último indicador analisado nesse documento é o comportamento da “Dívida Pública Consolidada Líquida” do Ceará, cujos dados são apresentados no Gráfico 5.2. Nesse gráfico é possível constatar que a dívida pública estadual apresentou tendência de crescimento do segundo quadrimestre de 2014 ao terceiro quadrimestre de 2015, já nos quatro quadrimestres seguintes houve uma queda da dívida líquida do Estado, aproximadamente, de 3,6 bilhões de Reais, voltando a crescer do 2º quadrimestre de 2017 em diante, aproximando a DCL dos níveis verificados ao final de 2015. Dessa forma, a dívida pública consolidada líquida representava 56,07% da Receita corrente líquida, no segundo quadrimestre de 2018. Deve-se alertar que parte desse crescimento é devido a depreciação cambial, tendo o Dólar americano ultrapassado a barreira de R\$4,00/US\$1,00 no mês de setembro de 2018, enquanto em dezembro de 2017 ele era cotado em aproximadamente R\$3,30/US\$1,00.

Gráfico 5.2: Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de set de 2018)



Fonte: STN/SISTN. Elaboração: IPECE.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da economia mundial para o ano de 2018 apresenta uma estimativa de 3,7%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2018. Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

Na economia nacional, no terceiro trimestre de 2018, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, registrou um crescimento de 1,3% em relação ao terceiro trimestre de 2017

Com relação à economia cearense, no terceiro trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017, a economia cearense apresentou um crescimento de 1,48%. No resultado do acumulado no ano, observa-se um crescimento de 1,07%, enquanto que no acumulado de últimos quatro trimestres verifica-se um aumento de 1,97%.

No setor agropecuário, o quadro de escassez hídrica, com chuvas abaixo da média histórica em quase todos os meses de janeiro a setembro de 2018, impactou diretamente a safra de grãos irrigados no estado do Ceará, que de acordo com a estimativa realizada pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE, indica uma queda de 12,88% na cultura do arroz irrigado e 51,08% na cultura do milho irrigado, comparando a safra de 2018 com a de 2017.

A produção de frutas, por sua vez, apresenta uma estimativa abaixo do esperado no começo do ano. Observa-se que a produção de banana indica uma redução de 4,35%, em 2018, comparado a 2017, justificada pela redução da área cultivada tanto do plantio de sequeiro como de área irrigada. Castanha de caju também apresentou queda na produção em 2018 devido a redução de área colhida.

Com relação a produção de produtos de origem animal destaca-se o leite, que vem apresentando ótimo desempenho, com perspectiva de crescimento de 7,77% em 2018, comparado ao ano de 2017, e a produção de ovos, com crescimento de 13,45%.

Para a indústria, após um segundo trimestre de desempenho negativo, a indústria cearense voltou a registrar taxas positivas de expansão em 2018. Para além dos efeitos da greve dos caminhoneiros e seus desdobramentos, a análise do ano de 2018 deve levar em consideração a forte mudança na base de comparação que se observa ao longo de 2017. É preciso considerar que as expansões no ano corrente se dão sobre um crescimento relevante no ano passado.

Adicionalmente, os resultados no ano sugerem um movimento de acomodação do ritmo de expansão da atividade. Tal percepção se apoia em alguns pontos principais. Primeiro, num processo de construção de expectativas influenciado por uma campanha política fortemente polarizada e pouco clara quanto à pauta econômica dos candidatos com maior chance de vitória, o que naturalmente leva a um comportamento mais prudente por parte dos agentes.

Segundo, o fato do terceiro trimestre não ter demonstrado com maior clareza os efeitos das encomendas para o final de ano. Tipicamente, os meses de julho a setembro se caracterizam como o período no qual o comércio realiza as encomendas para as festas de fim de ano. Em 2018, esse movimento não se mostrou intenso, nem disseminado nas atividades locais mais beneficiadas, como a produção de alimentos e de vestuário.

Na atividade de serviços, dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros segue novamente com desempenho negativo ao registrar queda de 9,2% no segundo trimestre do ano de 2018 comparado ao mesmo trimestre do ano anterior. Considerando a estagnação no primeiro trimestre de 2016, essa queda representa a décima quarta seguida a partir de uma comparação com relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

No tocante ao varejo comum, dados da Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE revelam que o varejo comum brasileiro registrou alta de apenas 1,1% no terceiro trimestre de 2018 comparado a igual período do ano passado. Essa foi a sexta variação positiva consecutiva nas vendas do varejo nacional revelando uma trajetória consistente de crescimento. No varejo comum cearense também se registrou alta de apenas 1,2% no terceiro trimestre de 2018, comparado a igual período de 2017 refletindo ainda alguns dos efeitos negativos da crise como o elevado quantitativo de pessoas desocupadas no mercado de trabalho local. Essa foi a quinta variação trimestral positiva e consecutiva, revelando uma dinâmica consistente de crescimento nas vendas do varejo cearense.

Em relação as vendas do varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção, as vendas do país apresentaram um ritmo de crescimento mais satisfatório no terceiro trimestre de 2018 de 4,0%, bem acima do registrado no varejo comum. Por outro lado, o ritmo de crescimento nas vendas do varejo ampliado cearense não seguiu o mesmo patamar observado para o país, tendo registrado alta de apenas 1,3% no terceiro trimestre de 2018, revelando um nível de desempenho muito aquém do nacional.

No âmbito do mercado de trabalho, dados da PNADC Contínua revelam que após ter atingindo a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação

do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante ao longo de 2017, principalmente no estado. No primeiro trimestre de 2018, o desemprego voltou a crescer em razão de fatores sazonais, mas desde o pico no primeiro trimestre de 2017 a Taxa de Desocupação vem caindo tendo atingindo 10,6% neste terceiro trimestre de 2018.

Com relação aos postos de trabalho celetista, dados do CAGED revelam que o Brasil gerou um saldo positivo de 308.662 vagas com carteira assinada no terceiro trimestre do ano de 2018. Esse foi o maior saldo de empregos no ano, superando o registrado no primeiro trimestre (236.283 vagas) e no segundo trimestre (174.144 vagas) e também maior que o saldo registrado em igual período do ano de 2017 (149.506 vagas).

O mercado de trabalho cearense registrou igualmente um bom desempenho na geração de novas vagas de trabalho celetista para o terceiro trimestre de 2018 (12.109 vagas), sendo também a maior geração de postos de trabalho com carteira assinada por trimestre no ano, superando também a criação de vagas em igual período de 2017 (10.677 vagas).

No comércio exterior, no terceiro trimestre de 2018, os *Produtos Metalúrgicos* permaneceram como líder na pauta exportadora do Ceará. No período analisado foram exportados US\$ 318,9 milhões desse setor, valor que corresponde a 60,73% do total exportado pelo estado. O setor de *Calçados* ocupou o segundo lugar, com valor de exportado de US\$ 42,6 milhões no terceiro trimestre de 2018, participando com 8,11% do total exportado pelo estado.

Finalmente, no aspecto das finanças públicas estaduais, no terceiro trimestre de 2018, contata-se que elas apresentaram aspectos positivos, quando se analisa as receitas, e negativos, quando a análise se detém nas despesas. Pelo lado das receitas, quando compara-se o terceiro trimestre de 2018 com o de 2017, tem-se um incremento de 3,2% das receitas correntes estaduais, sendo esse crescimento devido, principalmente, ao incremento de 4,3% das receitas tributárias entre os dois períodos.

Já os aspectos negativos das contas públicas, é possível constatar um crescimento de 6,6% das despesas correntes estaduais, quando compara-se o terceiro trimestre de 2018 com idêntico período de 2017. É interessante observar que o principal componente das despesas correntes, as despesas com pessoal, aumentaram em 7,5%, no comparativo trimestral, sendo um crescimento superior ao verificado para as receitas correntes.